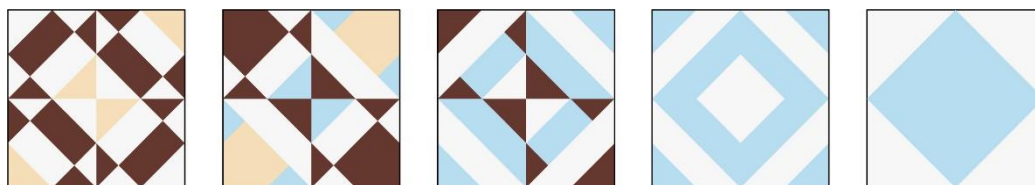




FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE



Reabilitação de um Palacete no Intendente utilizando cor,  
luz e matéria como elementos do projecto

Ana Sofia de Castela Mota | Nº 20101004

Projecto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura com  
Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientador Científico | Professor Doutor João Pernão

Lisboa, Novembro de 2015

Figura da capa | Azulejos reinventados da autora, a partir do azulejo original da pré-existência



**FACULDADE DE ARQUITETURA**  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE



Reabilitação de um Palacete no Intendente utilizando cor, luz e  
matéria como elementos do projecto

| Júri |

Presidente | Professora Dulce Loução

Vogal | Professor Nuno Arenga

Orientador | Professor João Pernão

**Ana Sofia de Castela Mota | Nº 20101004**

Projecto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura com  
Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientador Científico | Professor Doutor João Pernão

Lisboa, Novembro de 2015







FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA



## RESUMO

A Arquitectura tem a qualidade de conservar memórias, de reter histórias e passados e de relembrar a nossa existência.

A necessidade de implementar práticas de reabilitação, conservação e valorização da herança têm sido debatidas ao longo dos tempos.

Pretende-se abordar o tema da reabilitação do edificado como meio de preservação de memórias colectivas de uma dada sociedade e a nossa própria essência. Sem memória, o indivíduo não existe, não tem identidade.

O Projecto Final de Mestrado incide sobre um vazio do tecido urbano de Lisboa, concretamente no Largo do Intendente, num antigo palacete que actualmente apenas exhibe as suas fachadas.

Este estudo pretende interpretar e identificar soluções de projecto, com recurso a materiais da nossa memória portuguesa, como o azulejo e o saguão, reinventando-os no contexto contemporâneo. É ainda de salientar a reaproximação à comunidade local, através de novos usos e novas funcionalidades – *Hotel comunitário* – acompanhando as mudanças e o futuro do lugar.

### Título

Memória e  
Contemporaneidade |  
Reabilitação de um Palacete  
no Intendente utilizando  
cor, luz e matéria como  
elementos do projecto

### Nome

Ana Sofia de Castela Mota

### Orientador Científico

Professor Doutor João  
Pernão

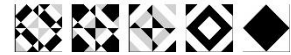
Mestrado Integrado em  
Arquitectura com  
especialização em Interiores  
e Reabilitação do Edificado

Lisboa, Novembro 2015

## Palavras-chave

Reabilitação do edificado	Memória
Identidade	Contemporaneidade
Materialidade	Alojamento temporário





## ABSTRACT

The architecture has the quality of preserving memories to withhold stories and past and remember our existence.

The need to implement rehabilitation practices, conservation and heritage value have been debated over the years.

It is intended to address the issue of rehabilitation of the building as a means of preserving collective memories of a certain society and our own essence. Without memory, the individual doesn't exist, it has no identity.

The Final Project focuses on an empty urban land of Lisbon, specifically in Largo do Intendente, an old palace that now displays only their facades.

This study intend to interpret and identify project solutions, using materials of our Portuguese memory, such as tile and patio, reinventing them in the contemporary context. It should also be noted that rapprochement to the local community through new uses and new features - *Community Hotel* - following the changes and the future of the place.

### Title

Memory and  
Contemporaneity |  
Rehabilitation of the palace  
in Intendente using color,  
light and matter as project  
elements

### Name

Ana Sofia de Castela Mota

### Main Advisor

Professor Doutor João  
Pernão

Mestrado Integrado em  
Arquitectura com  
especialização em Interiores  
e Reabilitação do Edificado

Lisboa, November 2015

## Keywords

| Building Rehabilitation | Memory | |Identity |  
| Contemporaneity | Materiality | Temporary accommodation |



## AGRADECIMENTOS

Nada se faz sem esforço nem sozinho.

Àqueles que permaneceram, um obrigado.

Ao meu orientador, Professor João Pernão, o meu sincero  
obrigado pelas suas conversas sábias e de incentivo.

Às minhas colegas e novas amigas de coração, Margarida, Marta,  
Filipa e Inara, pelas novas aventuras e novos ensinamentos.

Aos meus pais, pelo amor, pela força e pela inspiração.

Ao Sérgio, pelo apoio e pela paciência.

À Cláudia, pela sua constante presença.

Ao João, pela sua criatividade e ajuda.

Às duas estrelinhas lá no céu, pelas memórias.

Um obrigado sincero.



## ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO.....	1
1.1	Enquadramento   .....	3
1.2	Objectivos   .....	4
1.3	Metodologia   .....	5
1.4	Estrutura   .....	5
2.	ESTADO DO CONHECIMENTO   ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	7
2.1	Identidade e Memória Colectiva   .....	9
2.2	Reabilitação, (Re) adaptação e Reutilização   Diálogo com a pré-existência .....	15
2.3	Projectar com luz, cor e matéria .....	20
2.3.1	O que é a Cor? .....	20
2.3.2	Luz e Cor .....	21
2.3.3	A Cor de Lisboa .....	23
2.3.3.1	O Brilho do azulejo .....	26
2.3.3.2	O saguão e o pátio português .....	31
2.4	Novos modos de habitar: o alojamento temporário.....	33
3.	PROPOSTA.....	37
3.1	Contextualização histórica do Largo do Intendente.....	39
3.2	Análise da pré-existência: de Palacete a vazio urbano..	43
3.3	Um Palacete no Intendente – <i>Hotel comunitário</i> .....	46
3.4	Estratégia e proposta de intervenção.....	48
3.4.1	De recepção a Centro de Artes   Deambulando entre exposições .....	51
3.4.2	As Habitações.....	52
3.4.3	A Casa de Leitura   Lendo entre o exterior e o interior 54	
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
5.	BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS .....	59
6.	ANEXOS.....	67
6.1	Referências .....	69
6.2	Estudo Prévio .....	71
6.2.1	Desenhos Técnicos da pré-existência .....	71
6.2.2	Levantamento de Cor do Largo do Intendente.....	75

6.2.3	Levantamento de padrões de azulejo na área envolvente ao local de intervenção .....	78
6.3	Processo de trabalho.....	81
6.4	Maquetes.....	85
6.5	Painéis finais de apresentação .....	89
6.6	Peças desenhadas do Projecto .....	115



## ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1   A Memória; participação de Manuel de Oliveira; Lisbon Story; filme de Wim Wenders; 1994 .....	12
Fonte: Lisbon Story, filme de Wim Wenders, 1994	
Figura 2   A Casa Portuguesa; Ilustração de um projecto de casa suburbana no Minho, in A Nossa Casa .....	14
Fonte: Santos, J. (2011). <i>Raul Lino: Arquitectos Portugueses</i> . Vila do Conde: Quidnovi, página 43	
Figura 3   Carlos Botelho, Ramalhete de Lisboa, 1935, óleo sobre contraplacado, 72 x 100 cm .....	24
Fonte: <a href="http://observador.pt/2015/07/15/o-que-e-que-a-luz-de-lisboa-tem-a-resposta-esta-no-terreiro-do-paco/">http://observador.pt/2015/07/15/o-que-e-que-a-luz-de-lisboa-tem-a-resposta-esta-no-terreiro-do-paco/</a>	
Figura 4   Marmorite.....	25
Fonte: <a href="http://www.marmorite.com/galerias/amostras/">http://www.marmorite.com/galerias/amostras/</a>	
Figura 5   Mosaico hidráulico.....	25
Fonte: <a href="http://www.azulima.pt/product/av-caixas">http://www.azulima.pt/product/av-caixas</a>	
Figura 6   Azulejos hispano-árabes, Palácio de Sintra, Sala Árabe .....	27
Fonte: <a href="http://perspectivasdoolhar.blogspot.pt/2013/04/palacio-nacional-de-sintra-sala-arabe.html">http://perspectivasdoolhar.blogspot.pt/2013/04/palacio-nacional-de-sintra-sala-arabe.html</a>	
Figura 7   Azulejo enxaquetado, Évora, Ermida de São Brás .....	27
Fonte: <a href="http://redeazulejo.fl.ul.pt/timeline/timeline-pt.html">http://redeazulejo.fl.ul.pt/timeline/timeline-pt.html</a>	
Figura 8   Azulejos, Palácios dos Marqueses de Fronteira, Lisboa .....	27
Fonte: <a href="http://alamy.com">http://alamy.com</a>	
Figura 9   Padrão Pombalino .....	28
Fonte: <a href="http://redeazulejo.fl.ul.pt/timeline/timeline-pt.html">http://redeazulejo.fl.ul.pt/timeline/timeline-pt.html</a>	
Figura 10   Rua da Trindade, 28-34, Lisboa .....	28
Fonte: <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Azulejo">https://pt.wikipedia.org/wiki/Azulejo</a>	
Figura 11   Rua Alexandre Herculano, 57, Lisboa; arquitecto Ventura Terra .....	29
Fonte: <a href="http://cidadaniax.blogspot.pt/2013/12/urgenteazulejos-arte-nova-do-edificio.html">http://cidadaniax.blogspot.pt/2013/12/urgenteazulejos-arte-nova-do-edificio.html</a>	
Figura 12   Rua do Vale de Pereiro / Rua do Salitre, Lisboa; arquitecto Pardal Monteiro .....	29
Fonte: <a href="http://agitprop.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.148/4490">http://agitprop.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.148/4490</a>	
Figura 13   Fernanda Fragateiro, Projecto das Sombras, Parque das Nações, Jardim da Água, 1998 .....	29
Fonte: <a href="http://www.portal-earte.com/DesktopDefault.aspx?tabid=344&amp;module=Autores&amp;autorId=229">http://www.portal-earte.com/DesktopDefault.aspx?tabid=344&amp;module=Autores&amp;autorId=229</a>	
Figura 14   Add Fuel, 2012 .....	29
Fonte: <a href="http://www.addfuel.com/street/#az1444">http://www.addfuel.com/street/#az1444</a>	
Figura 15   Grés, faiança e barro vermelho.....	30
Fonte: Lobo, C, Pernão, J. (2010) <i>Glazed Tiles as an Improving Element for Environmental Quality in Urban Landscape</i> . FAUTL. [Internet] Disponível em < <a href="http://aic-colour-journal.org/index.php/JAIC/article/view/17">http://aic-colour-journal.org/index.php/JAIC/article/view/17</a> > [Consultado em 8 de Setembro 2015]	
Figura 16   Saguão central, Rua Castilho, 65, Lisboa, 1937 .....	32
Fonte: Reis, N. M. A. (2009). <i>O Saguão na Habitação Urbana: O interior da casa em torno de um vazio nuclear</i> . Lisboa: FAUTL. Tese de Doutoramento, pág. 219	
Figura 17   Pátio do Carrasco, Lisboa, 1968 .....	33
Fonte: <a href="http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2014/11/largo-do-limoeiro-ii.html">http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2014/11/largo-do-limoeiro-ii.html</a>	
Figura 18   Casa de Caminha, Sérgio Fernandez .....	35
Fonte: <a href="https://www.pinterest.com/pin/353673376961433928/">https://www.pinterest.com/pin/353673376961433928/</a>	

Figura 19   1780 - Planta topográfica de Lisboa - grandes áreas de agricultura; pequenas áreas edificadas .....	39
Fonte: <a href="http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/">http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/</a>	
Figura 20   1856/58 – Filipe Folque; Loteamentos parcelados e organizados assim como as praças e ruas; aumento de áreas edificadas.....	39
Fonte: <a href="http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/">http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/</a>	
Figura 21   1871 – Planta CML; Novo plano de eixos principais e secundários das vias públicas .....	40
Fonte: <a href="http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/">http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/</a>	
Figura 22   2011 - Ortofotomapa .....	40
Fonte: <a href="http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/">http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/</a>	
Figura 23   Largo do Intendente Pina Manique, 1944.....	41
Fonte: <a href="http://aps-ruasdelisboacomhistrta.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iii.html">http://aps-ruasdelisboacomhistrta.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iii.html</a>	
Figura 24   Largo do Intendente, 2015.....	41
Fonte: Fotografia da autora	
Figura 25   Chafariz no Largo do Intendente, 1898-1908 .....	42
Fonte: <a href="http://aps-ruasdelisboacomhistrta.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iii.html">http://aps-ruasdelisboacomhistrta.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iii.html</a>	
Figura 26   Fábrica Viúva Lamego, 1961 .....	42
Fonte: <a href="http://aps-ruasdelisboacomhistrta.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iii.html">http://aps-ruasdelisboacomhistrta.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iii.html</a>	
Figura 27     Largo do Intendente com vista para a Rua do Benfornoso, início século XX.....	42
Fonte: <a href="http://aps-ruasdelisboacomhistrta.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iii.html">http://aps-ruasdelisboacomhistrta.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iii.html</a>	
Figura 28   Edifício de intervenção, 1944.....	44
Fonte: <a href="http://aps-ruasdelisboacomhistrta.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iii.html">http://aps-ruasdelisboacomhistrta.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iii.html</a>	
Figura 29   Edifício de intervenção - obras de demolição, 2013 .	44
Fonte: Fotografia da autora	
Figura 30   Edifício de intervenção, Largo do Intendente, 2015 .	46
Fonte: Fotografia da autora	
Figura 31   Edifício de intervenção, Escadinhas das Olarias, 2015 .....	46
Fonte: Fotografia da autora	
Figura 32   Organização interna .....	47
Fonte: Imagem da autora	
Figura 33   Divisão do espaço.....	48
Fonte: Imagem da autora	
Figura 34   Pátio Central .....	49
Fonte: Imagem da autora	
Figura 35   Pátio Central .....	49
Fonte: Imagem da autora	
Figura 36   Pátio Secundário .....	49
Fonte: Imagem da autora	
Figura 37   Lâminas com azulejos .....	49
Fonte: Imagem da autora	
Figura 38   Friso e azulejos de padrão.....	50
Fonte: Fotografia da autora	
Figura 39   Maquete de Lisboa de 1956-59, Luís Caetano de Carvalho.....	50
Fonte: Fotografia da autora em Exposição "A Luz de Lisboa", 2015	
Figura 40   Fachada Poente proposta, Largo do Intendente .....	50
Fonte: Imagem da autora	
Figura 41   Código NCS - Cores.....	50

Figura 42   Painele de Azulejos, Oceanário de Lisboa, Ivan Chermayeff.....	51
Fonte: <a href="http://www.pbase.com/diasdosreis/image/140740277">http://www.pbase.com/diasdosreis/image/140740277</a>	
Figura 43   Do azulejo pré-existente aos azulejos reinventados .	51
Fonte: Imagem da autora	
Figura 44   Deambulando entre exposições.....	51
Fonte: Imagem da autora	
Figura 45   Escadas de acesso ao piso 1.....	52
Fonte: Imagem da autora	
Figura 46   Espaço expositivo e zona de estar .....	52
Fonte: Imagem da autora	
Figura 47   Tipologia C+1; zona de dormir .....	52
Fonte: Imagem da autora	
Figura 48   Tipologia A+1 .....	53
Fonte: Imagem da autora	
Figura 49   Tipologia B .....	53
Fonte: Imagem da autora	
Figura 50   Tipologia C .....	53
Fonte: Imagem da autora	
Figura 51   Tipologia C+1 .....	53
Fonte: Imagem da autora	
Figura 52   Lavandaria self-service .....	54
Fonte: Imagem da autora	
Figura 53   Sala infantil.....	54
Fonte: Imagem da autora	
Figura 54   Cafeteria.....	54
Fonte: Imagem da autora	
Figura 55   Painele de Azulejos, Oceanário de Lisboa, Ivan Chermayeff.....	69
Fonte: <a href="https://www.pinterest.com/pin/353673376961433928/">https://www.pinterest.com/pin/353673376961433928/</a>	
Figura 56   Casa de Caminha, Sérgio Fernandez .....	69
Fonte: <a href="http://www.pbase.com/diasdosreis/image/140740277">http://www.pbase.com/diasdosreis/image/140740277</a>	
Figura 57   Casa de Vidro, Pierre Charreau, 1932 .....	69
Fonte: <a href="http://www.guiadovidro.com.br/noticia/casa-de-vidro-projetada-em-1932">http://www.guiadovidro.com.br/noticia/casa-de-vidro-projetada-em-1932</a>	
Figura 58   Livraria Cultural, Marcio Kogan .....	70
Fonte: <a href="http://divisare.com/projects/271575-Camarim-Casa-no-Prncipe-Real">http://divisare.com/projects/271575-Camarim-Casa-no-Prncipe-Real</a>	
Figura 59   Casa no Príncipe Real, Camarim.....	70
Fonte: <a href="http://divisare.com/projects/276741-studio-mk27-marcio-kogan-livraria-cultura">http://divisare.com/projects/276741-studio-mk27-marcio-kogan-livraria-cultura</a>	
Figura 60   Rua do Benfornoso nº278 a 282 e Escadinhas das Olarias, 1879.....	71
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	
Figura 61   Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58 .....	71
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	
Figura 62   Rua do Benfornoso nº278 a 282 e Escadinhas das Olarias, 1918.....	72
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	
Figura 63   Triunfo Bar, 1942 .....	72
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	
Figura 64   Barracão e Logradouro, 1950.....	72
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	
Figura 65   Plantas Edifício Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58, 1981.....	73
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	

Figura 66   Plantas Edifício Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58, 1981.....	73
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	
Figura 67   Plantas Edifício Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58, 1981.....	73
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	
Figura 68   Plantas Edifício Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58, 1981.....	74
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	
Figura 69   Plantas Edifício Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58, 1981.....	74
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	
Figura 70   Pavimento em Lioz e em Basalto .....	75
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 71   Pavimento calcário do Largo .....	75
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 72   Mobiliário Urbano e Vegetação do Largo .....	76
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 73   Guarnição da porta, soco e cunhal da pré-existência.....	77
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 74   Azulejo pré-existência .....	77
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 75   Friso de azulejos da pré-existência .....	78
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 76   Largo do Intendente, nº19.....	78
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 77   Largo do Intendente, nº24 e 26 .....	78
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 78   Largo do Intendente, nº28.....	78
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 79   Travessa do Cidadão João Gonçalves, nº5 a 13.....	79
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 80   Travessa do Cidadão João Gonçalves, nº 14 .....	79
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 81   Travessa do Maldonado, nº 16 .....	79
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 82   Travessa do Maldonado, nº22A .....	79
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 83   Rua das Olarias, nº55 .....	80
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 84   Rua do Benfornoso, nº 112 .....	80
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 85   Travessa do Benfornoso, nº8 .....	80
Fonte: Fotografias da autora	
Figura 86   Travessa do Benfornoso, nº 288 .....	80
Fonte: Fotografias da autora	

## 1. INTRODUÇÃO



*“Há uma arquitectura, cuja significação ou mensagem passa sempre lá do que serve, vector de presença ou de apelo àquilo porque esperamos.”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Portas, N., *A Cidade como Arquitectura*, Lisboa: Escola Superior de Belas Artes, 1968, p.12



## 1.1 Enquadramento |

O objecto de estudo da proposta de Projecto Final de Mestrado surge no âmbito da disciplina de Laboratório de Projecto VI, leccionada pelos professores Maria Dulce Loução e Fernando Salvador, no exercício lançado de “Hotel do futuro” no ano lectivo de 2014/2015.

Analisando especificamente o percurso do Largo do Intendente até ao Miradouro da Senhora do Monte fez-se o reconhecimento do seu potencial urbano, os seus principais usos e escalas e a sua contextualização histórica. No entanto, é no Largo do Intendente que se encontra o objecto de estudo, um antigo Palacete urbano, que actualmente apenas preserva a sua fachada, tornando-se um vazio urbano. A estratégia de intervenção para o lugar em questão tenta colmatar problemas existentes na comunidade, outrora característicos do lugar, propondo-se um programa híbrido de funções.

Simultaneamente pretende-se estudar a cor, a luz e a matéria como fenómenos que definem épocas, culturas, identidades e memórias, assim como a percepção do espaço.

As relações entre a memória e a contemporaneidade reflectem e questionam a permanência de objectos e de elementos no contexto arquitetónico, e o que estes representam numa dada sociedade. É através do tempo e da transformação da cidade, que há uma sobreposição de camadas de história e de consecutivas memórias. Nada do que inventamos começa do zero, começamos sempre com um ponto de partida, uma referência relevante à nossa origem, que nos leva a transformar constantemente as nossas próprias tradições. O passado transforma-se no presente, criando novas experiências e novas identidades, sobrepondo pré-existências, criando um diálogo vivo entre vários momentos do tempo.

O ponto de partida para o Projecto Final de Mestrado serão os elementos arquitectónicos caracterizadores e tradicionais da

cultura portuguesa, mais propriamente da região de Lisboa, transportando-os, reinventando-os e encaixando-os no presente, através da materialidade, da textura, da luz, do brilho, da cor e das sombras produzidas, provocando sensações aos habitantes do espaço, sensações de memória. Tem-se como exemplos o azulejo, o mosaico hidráulico, os pátios e os saguões.

O Palacete no Intendente, agora vazio urbano, contempla uma colossal fachada, pronta a ruir, se não estiver em contenção. Sabe-se que teve diversas funções, umas em simultâneo e outras em diferentes momentos do tempo. Existiram no palacete cervejarias, bares, lojas de ferragens, pensões, pequenas indústrias e habitações. A fachada foi-se alterando e o seu interior consecutivamente sendo alterado, dependendo das funções a albergar.

Pretende-se, desta forma, a regeneração partindo de um vazio no centro histórico, através de uma estratégia de intervenção, de modo a reintegrar as fachadas pré-existentes do local, permitindo uma continuidade de expressões entre o antigo e o novo, assim como uma continuidade urbana.

## 1.2 Objectivos |

Pretende-se reabilitar através de dinâmicas entre a tradição/memória e a modernidade/contemporaneidade, na relação do espaço público e do espaço privado, no âmbito da concepção dos espaços e no uso das materialidades, da cor e da luz.

Perceber como a cor, luz e diferentes materiais podem ter influência na memória, na identidade de um lugar, assim como na percepção sensorial e visual.

Intervencionando num vazio urbano, outrora Palacete, no Intendente, numa estratégia de regeneração urbana, utilizando percursos e referências arquitectónicas relevantes, para a compreensão do território como um todo.



Aplicação de um programa híbrido de natureza cultural e de habitação temporária, capaz de introduzir uma interação social e cultural com a envolvente e a comunidade, através de espaços multifuncionais, uma casa de leitura, um centro de artes e exposições e habitação temporária.

### 1.3 Metodologia |

A metodologia proposta engloba as seguintes tarefas:

1. Levantamento e estudo analítico da pré-existência, assim como da sua envolvente, desde o Largo do Intendente até ao Miradouro da Senhora do Monte. Recolha de desenhos técnicos da pré-existência nos Arquivos Municipais de Lisboa. Pesquisa bibliográfica para o enquadramento teórico. Visitas a espaços de reconhecimento e referência para o projecto.
2. Análise de casos de estudo sobre o tema de investigação.
3. Aplicação dos conceitos teóricos no projecto a desenvolver.
4. Desenvolvimento do projecto - Pesquisa através de esboços, simulação tridimensional digital e representação do projecto através do programa AutoCAD e exploração de modelos tridimensionais (maquetas).
5. Desenvolvimento do conteúdo teórico.
6. Análise e conclusões dos resultados obtidos.
7. Elaboração e organização dos resultados finais a apresentar.

### 1.4 Estrutura |

O Projecto Final de Mestrado a desenvolver estará dividido em três capítulos principais: a introdução, que procura situar o projecto a desenvolver; o Estado do conhecimento, que enquadra teoricamente o trabalho; e o projecto final - Um Palacete no Intendente – *Hotel comunitário* – aplicação prática da investigação teórica do trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado de introdução, aborda-se os objectivos do trabalho, assim como, a metodologia adoptada e a estrutura utilizada.

No segundo capítulo, o estado do conhecimento e o enquadramento teórico, encontra-se o cerne das questões teóricas, que se pretende analisar e investigar. Foca-se primeiramente a identidade e a memória colectiva, como ponto de partida para os seguintes subcapítulos sobre a reabilitação, (re) adaptação e reutilização e o diálogo com a pré-existência, estratégias estas discutidas com alguma importância nos últimos anos. De seguida, aborda-se um tema fulcral no projecto a desenvolver – a luz, a cor e a matéria – que influencia e dá continuação para o subcapítulo seguinte, em que se foca no caso de Lisboa, tratando-se da sua memória e da sua identidade. Por fim, dois elementos fulcrais abordados – o azulejo, como elemento identitário português de cor e de brilho e o pátio e o saguão, vazios outrora percorridos de luz.

Num terceiro capítulo, foca-se a contextualização histórica do Largo do Intendente, analisando-se a pré-existência com base nos documentos existentes, resultando a estratégia e a proposta de intervenção. Neste último capítulo, integra-se também a elaboração e a produção de elementos gráficos de suporte ao projecto final.

## 2. ESTADO DO CONHECIMENTO | ENQUADRAMENTO TEÓRICO



*“É na medida em que a Architectura capta e preserva esta  
relação sagrada que apela à nossa mais séria reflexão. Podemos  
viver sem ela, podemos adorar sem ela, mas sem ela não  
podemos recordar.”<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> John Ruskin in Choay, F., *As questões do Património: Antologia para um combate*, Coimbra: Edições 70, 2009, p. 158



## 2.1 Identidade e Memória Colectiva |

As várias sobreposições de camadas de tempo são um factor relevante para a representação formal da cidade e tornam-se mais importantes, quando estas não são substituídas no momento em que surgem novos elementos, ou seja, quando a memória não é descartada e permanece.

Quando se realiza uma intervenção arquitectónica no espaço urbano é inevitável o confronto com algumas questões sobre o que tem valor histórico e/ou arquitectónico. Estas tomadas de decisão estão ligadas à identidade do lugar e à própria memória colectiva. No entanto, estas decisões devem ser sempre apoiadas nos interesses da própria sociedade, procurando também a qualidade técnica e formal a aplicar na preservação dessas memórias.

A permanência representa a relação temporal da história das formas urbanas com a cidade, servindo de apoio para as transformações contínuas da cidade e de referência a novas relações da contemporaneidade. Quanto mais essas relações se conferem na lógica da própria cidade, mais singular ela se torna.

As formas da cidade representam valores de memória, que permanecem pela tal sobreposição de acontecimentos, relacionando-se com a sociedade contemporânea, que vai explorando mais ou menos essas formas, algumas com valor histórico, outras sem qualquer tipo de utilização ou ao abandono. No entanto, essas formas mantêm uma relação intrínseca com os habitantes da cidade, nem que seja apenas visual, que demonstra o não rompimento de valores, a permanência de memórias e o carácter da própria cidade.

Segundo Kevin Lynch, *“em termos analíticos e metodológicos, a Imagem da Cidade propunha três componentes fulcrais do processo de análise urbano: a identidade, ou o reconhecimento da imagem como uma entidade separável; a estrutura, ou seja, a relação estrutural da imagem com o observador e com os outros objectos, e o significado, isto é, a fundamental descodificação da*

*imagem em termos de relação entre o prático e o emocional (por exemplo) ”.*<sup>3</sup>

O autor supracitado refere ainda que *“todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações.”*<sup>4</sup>

A identidade e a memória resultam da interacção persistente entre o indivíduo e a sociedade. Por conseguinte, é necessário um olhar sobre ambos, para o melhor entendimento das relações temporais e espaciais que constroem a cidade.

O indivíduo interliga-se sempre com uma dada sociedade, construindo a sua própria identidade, contribuindo também para uma identidade colectiva. No entanto, nesta era contemporânea, tudo está em movimento e em constante mutação, sendo que o sujeito não consegue possuir, por vezes, uma identidade fixa.

*“O significado final de qualquer edificação ultrapassa a arquitectura, ele redirecciona nossa consciência para o mundo e nossa própria sensação de termos uma identidade e estarmos vivos.”*<sup>5</sup>

A desvalorização e a destruição do passado leva à própria destruição do homem, por conseguinte, a herança cultural deve ser preservada. No entanto, é necessário o reconhecimento dos valores e dos recursos, da realidade urbana a intervir, para que se possam realizar intervenções sobre o património sem que se coloque em causa a perda da sua identidade. Uma vez perdida, é irreversível e muito improvável de ser recuperada.

*“Se a identidade de uma cidade é artificialmente paralizada no tempo, se a pudéssemos bloquear numa fracção do tempo essa cidade, essa identidade congelada deixaria de representar a vida urbana em toda a sua totalidade. Mas a realidade nunca pára!”*<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Aguiar, J., *A Cor e a Cidade Histórica: Estudos Cromáticos e Conservação do Património*. Porto: Publicações FAUP, 2005, p. 113

<sup>4</sup> Lynch, K., *A Imagem da Cidade*, Lisboa: Edições 70, 1982, p. 11

<sup>5</sup> Pallasma, J., *Os Olhos da Pele: A Arquitectura e os Sentidos*, Porto Alegre: Bookman, 2011, p. 11

<sup>6</sup> Aguiar, J., *Op. Cit.*, p. 127

Norberg-Schulz defende que *“hoje verifica-se uma intensa «perda de lugar»”, em que “as revoluções do mundo moderno desintegraram a noção de «lugar» urbano tradicional” e “as relações entre vida social e espaços urbanos ou arquitectónicos alteraram-se radicalmente.”*<sup>7</sup>

*“Se, como afirma Norberg-Schulz, a definição figurativa do espaço urbano constitui uma das mais importantes manifestações das constantes e das diferenças que constroem a especificidade de um carácter local, fornecendo-lhe a sua identidade, então devemos concluir que a conservação é um dos contributos vitais para evitar a sempre traumática perda de lugar.”*<sup>8</sup>

Pallasma refere que o nosso corpo é o centro de tudo e que a partir dele somos conscientes perante a escala dos outros objectos, em que o *“meu corpo é o verdadeiro umbigo do meu mundo, não no sentido do ponto de vista da perspectiva central, mas como o próprio local de referência, memória, imaginação e integração”*.<sup>9</sup>

A identidade é essencialmente constituída na memória. É através dela que se toma consciência das próprias características de uma dada sociedade e o que as difere das outras.

A identidade traduz a sensação de pertença a um grupo, a uma sociedade, construindo também, o sentimento de continuidade.

*“As coisas modificam-se mas não perdem a sua identidade, isto é: como coisas identificadas elas permanecem na nossa mente e passam portanto a existir no tempo. Assim, o tempo não existiria sem a possibilidade de memória, sem a nossa capacidade para, na mudança, reconhecermos a continuidade dos objectos aos quais emprestamos significação numa qualquer esfera da sua interferência na relação do homem com o mundo. A memória será, pois, essa possibilidade de nos desligarmos do imediato, daquilo que consideramos como sendo real por nós espontaneamente reconhecido. Ela é, de facto, aquilo que vai permitir-nos projectar o*

---

<sup>7</sup> Aguiar, J., *Op. Cit.*, p. 115

<sup>8</sup> Aguiar, J., *Op. Cit.*, p. 117

<sup>9</sup> Pallasma, J., *Op. Cit.*, p. 11

*conteúdo da nossa consciência para fora da estrita experiência do presente.”<sup>10</sup>*

A memória só existe a partir do presente. Ela é um passado interpretado, um processo de construção e reconstrução de acontecimentos e experiências.

*“Aquilo que somos assenta nas memórias que acumulámos ao longo da nossa existência. A essas memórias, mais ou menos claras e mais ou menos conscientes, pertence também o registo mental da vivência dos espaços do nosso quotidiano.”<sup>11</sup>*

Assim como o homem, a arquitectura suporta a memória dos vários tempos, em vários espaços, em várias culturas, em que *“a rua (...) tenta sobreviver através de todas as marcas da sua antiga existência que ainda lá permanecem, resistindo a qualquer mudança”*.<sup>12</sup>

O filósofo Henri Bergson, no início do século XX, no seu livro *Matéria e Memória*, descreve a relação entre a memória e a percepção, assim como, entre o corpo e o espírito. O autor afirma que a memória é o criador da subjectividade e que os objectos que rodeiam o homem reflectem a sua própria acção, definindo-se como experiência.<sup>13</sup>

A memória é algo selectivo, que evidencia factos e oculta outros.

*“A memória não é uma coisa abstracta, que, como um fantasma, se revela hoje de certa maneira para amanhã se revelar de outra, assombrando-nos com manifestações inesperadas...”<sup>14</sup>*

Existem cidades onde não há qualquer tipo de relação entre a memória e contemporaneidade, são estáticas e aprisionadas temporalmente, param. Tornam-se museus vivos, prisioneiras do passado.

Na cidade moderna tem-se verificado a perda do sentido de pertença, em que as formas tradicionais vão deixando de assumir

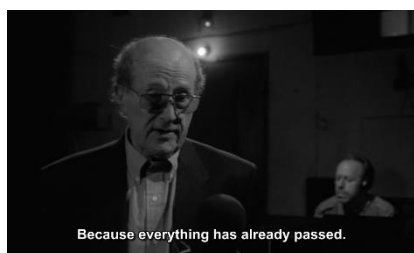


Figura 1 | A Memória; participação de Manuel de Oliveira; Lisbon Story; filme de Wim Wenders; 1994

<sup>10</sup> Jorge, G., *Lugares em Teoria*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007, p. 70

<sup>11</sup> Jorge, G., *Op. Cit.*, p. 83

<sup>12</sup> *Ibid.*

<sup>13</sup> Bergson, H., *Matéria e Memória*, Martins Fontes, 2006, pp. 15 e 16

<sup>14</sup> Jorge, G., *Op. Cit.*, p. 58



o papel de outrora, dando lugar a novas formas desconexas ao sítio.

*“No rápido processo de transformação do mundo moderno assistimos, quotidianamente, à perda ou à profunda dilaceração da identidade das cidades. Perde-se a reconhecibilidade das suas partes e verifica-se uma impressionante homogeneização dos lugares e das arquitecturas, produto dos intensos processos de transformação, a que uns chamam desenvolvimento e outros degradação cultural. A sociedade moderna, aparentemente democrática mas impressionantemente homogénea e globalizante, parece revelar, no urbanismo, um imenso esforço redutor, ou mesmo opositor, da expressão das diferenças, conduzindo ao reproduzir de modelos similares em contextos geográficos fortemente diferenciados.”*<sup>15</sup>

O valor de identidade está relacionado com o património urbano e com todos os elementos que o compõe, nomeadamente, a cor, a matéria, os brilhos, a forma, as texturas, os sons, entre outros e com as relações espaciais que geram.

*“Até que ponto a imagem contribui para a identidade da cidade e da arquitectura histórica? Qual o valor específico, em termos patrimoniais e arquitectónicos, dessa imagem e de que forma concorre para definir um “ambiente” urbano de natureza histórica? Qual o papel da cor, dos revestimentos e acabamentos exteriores dos edifícios antigos na construção e definição dessa imagem e desse ambiente específico?”*<sup>16</sup>

A Segunda Guerra Mundial traz consigo o isolamento das cidades e a necessidade da rápida reconstrução dos centros históricos. Mas, a relação com a tradição e a história fica em segundo plano, gerando-se um sentimento contraditório.

O pós-guerra pressionava cada vez mais a renovação das cidades, que cresceram drasticamente com a explosão

---

<sup>15</sup> Aguiar, J., *Op. Cit.*, p. 111

<sup>16</sup> *Ibid.*

demográfica, em que ao mesmo tempo se tentava reafirmar a identidade do sítio afectado pela guerra.

Pelas doutrinas da Carta de Atenas, as edificações com valor histórico deveriam ser protegidas, sem qualquer tipo de intervenção contemporânea. Quando não tinham um valor relevante para a nova cidade, cediam o seu lugar a novas construções, independentemente das suas relações com a memória do sítio.

Neste contexto de pós-guerra, destacam-se as cidades italianas, onde a tradição local se impôs com mais força, sendo a preservação da cidade idealizada na sua totalidade e não apenas a um monumento, mantendo a cidade como uma unidade.

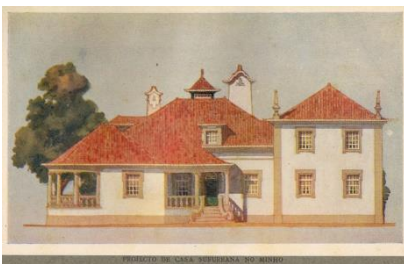


Figura 2 | A Casa Portuguesa; Ilustração de um projecto de casa suburbana no Minho, in *A Nossa Casa*

No caso português, a questão da “Casa Portuguesa” tem o seu auge na prática teórica e arquitectónica de Raul Lino, no início do século XX. O autor defendeu sempre um tipo de arquitectura de cariz português, sob um efeito nacionalista, mas que começa a ser contestada a partir dos anos 40. Defendia-se a necessidade de uma arquitectura moderna e do estudo da arquitectura popular, em apelo à consciência sobre a autêntica realidade da arquitectura tradicional portuguesa. Este novo caminho culminaria com a concretização do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, iniciado em meados dos anos 50, em que se efectuou o levantamento da arquitectura vernacular portuguesa.

O Inquérito referido é publicado em 1961 sob o título “Arquitectura Popular em Portugal”, fixando a memória de um território em mudança e de um saber acumulado ao longo dos vários tempos, provando que a arquitectura do regime e o seu “portuguesismo” eram na realidade pouco coerentes confrontados com a verdadeira identidade da cultura popular portuguesa. Despertando, igualmente, um outro olhar nos arquitectos dos anos 50, esperando-se que persista pelos vários tempos no panorama arquitectónico português contemporâneo.

## 2.2 Reabilitação, (Re) adaptação e Reutilização | Diálogo com a pré-existência

*“A arquitectura é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de factos novos e antigos (...) é feita de tantos pequenos seres que procuram uma organização (...) um pequeno ambiente para si mais apropriado ao ambiente geral.”<sup>17</sup>*

A capacidade que o Homem possui de conciliar as suas próprias exigências com a complexidade do tecido urbano da cidade histórica, constitui um persistente desafio, que ao longo dos tempos espalha inúmeras marcas no território e no ambiente.

*“Efectivamente, uma cidade é algo mais do que o somatório dos seus habitantes: é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem – independentemente de outras razões – viver em comunidade a viverem isoladas.”<sup>18</sup>*

As cidades contemporâneas condizem com o confronto entre os tempos, as várias culturas e sociedades distintas que coexistiram num dado espaço, através de acções de construção, reconstrução ou demolição. Por conseguinte, a intervenção na cidade deve reflectir a percepção deste processo, observando exemplos de pré-existências e apresentando respostas para o futuro, não havendo dúvidas, que a memória daquilo que existiu constitui uma grande referência ao nível da cultura de uma dada comunidade, como já foi referida no subcapítulo anterior.

Choay (2009) assume a distinção entre monumentos e monumentos históricos, em que os primeiros são construídos com clara intenção de evocar a lembrança e ligam-se à memória viva e os segundos são produções de determinado saber sobre a realidade de acordo com valores históricos, artísticos, políticos, entre outros, numa dada sociedade. A autora salienta, ainda, que acções de destruição estiveram também presentes na maioria das

---

<sup>17</sup> Rossi, A., *A Arquitectura da Cidade*. 2ª Ed. Lisboa: Edições Cosmos, 2001, p. 33

<sup>18</sup> Cullen, G., *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1983, p. 9

épocas, em que, por exemplo, antigos locais de culto eram demolidos para usufruírem de novos locais, com uma certa “*evolução teológica*”.

A evolução de monumento a monumento histórico surgiu lentamente entre os séculos XV e XIX e, mais acelerada, na passagem do século XIX para o século XX. Foram três revoluções culturais europeias que teriam impulsionado estas mudanças: o Renascimento, em que o teocentrismo medieval decai e o homem passa a estar no centro da questão; a Revolução Industrial, em que o homem pratica novas técnicas revolucionárias e novos saberes; e a Segunda Guerra Mundial, em que a internacionalização da cultura ocidental é evidente.

Gracia (2001) no seu livro *Construir en lo Construido* defende que construir sobre uma pré-existência corresponde a definir uma forma num lugar que já tem uma determinada aparência, considerando assim diversas hipóteses de trabalho quando se trata de construir nas zonas históricas e em zonas já consolidadas, tendo em conta as condicionantes culturais e produtivas contemporâneas que são, por vezes, pontos de partida.

A história das cidades dá-nos o quanto é habitual construir no construído. No entanto, o Homem actual tem um certo receio deste tipo de intervenções, negando a sua própria evolução ao longo do tempo. A idade, o valor inaplicável à arquitectura, é usada cada vez mais como factor de medida. A cultura conservadora não reconhece os mecanismos da história urbana que permitiram a revitalização e evolução das civilizações. O Homem tem a tendência de embalsamar o património, acabando por transformá-los em representações idílicas de uma realidade que jamais existirá. A cultura passou a ser sinónimo de entretenimento e as políticas de preservação aproximaram-se das de turismo.

*“Esta cruzada pelo consumo mercantil do património não é somente prejudicial aos visitantes, ao mesmo tempo enganados quanto à natureza do bem a consumir e colocados em condições de amontoamento e ruído totalmente impróprias a qualquer*

*deleite intelectual ou estético. Conduz também frequentemente à destruição dos lugares classificados, tanto pela edificação das necessárias estruturas de recepção (hoteleiras e outras) como pela eliminação de actividades criativas ligadas à cultura local e à sua identidade, particularmente no caso dos países do Sul.”<sup>19</sup>*

Choay (2009) faz duras críticas a este panorama de embalsamento e alerta à tomada de consciência daquilo que caracteriza a vida humana no espaço e a ação do próprio homem.

*“A reconquista da competência de edificar e de habitar um património contemporâneo e inovador na continuidade do antigo passa, também, por uma propedêntica envolvendo um conjunto de urbanistas, arquitectos e habitantes na reapropriação e na reutilização sistemática das heranças (locais e construções) nacionais e locais e das suas escalas de ordenamento. Por outras palavras, deveríamos arrancar os locais e os edifícios antigos ao gueto museológico e financeiro. O objectivo é realizável nestas condições: - dotar os lugares de novos usos adaptados à procura societal contemporânea; - renunciar ao dogma da sua intangibilidade e ao formalismo da restauração histórica; - saber proceder às transformações necessárias associando o respeito do passado e a aplicação das técnicas de ponta contemporâneas.”<sup>20</sup>*

Actualmente são diversos os critérios que se confrontam no aspecto da intervenção no património arquitectónico, centrando-se em torno de questões como a conservação/restauro, a sua reutilização e a integração de novas tipologias.

*“A restauração, graças aos conhecimentos manifestados à medida que progridem os saberes da história de arte, da história das técnicas, da arqueologia ... é a disciplina prática que pretende substituir-se às reparações e intervenções – empíricas e marcadas*

---

<sup>19</sup> Choay, F., *As questões do Património: Antologia para um combate*, Coimbra: Edições 70, 2009, p. 48

<sup>20</sup> Choay, F., *Op. Cit.*, pp. 52 e 53

*pelas suas respectivas épocas – que, até agora, todos os monumentos e edifícios foram indistintamente o objecto.”<sup>21</sup>*

A cidade é feita de diversas camadas, aglutinando-se diversas culturas e identidades, que se complementam ou se contradizem, construindo um discurso no tempo.

*“A especificidade do monumento prende-se então, precisamente, com o seu modo de acção sobre a memória. Não só ele a trabalha, como também a mobiliza pela mediação da afectividade, de forma a recordar o passado, fazendo-o vibrar à maneira do presente. Mas esse passado invocado e convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: foi localizado e seleccionado para fins vitais, na medida em que pode, directamente, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade, étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar.”<sup>22</sup>*

As questões do património e da memória são essenciais para o entendimento de um lugar e de um edifício. A preservação destas memórias não deve ser feita de forma isolada, mas sim interligando-as ao contexto contemporâneo.

Deve sempre estabelecer-se um diálogo permanente e vivo entre os lugares e as pessoas. A abordagem à reutilização de uma pré-existência deve basear-se numa conjugação da permanência de certas memórias do lugar, a interpretação do espaço, a sua materialidade, a sociedade onde está inserida e o futuro habitante e utilizador.

*“Prevalece cada vez mais o interesse individual sobre o sentido comunitário da cidade, e perdido em todo o País o respeito pelo património construído (ou por nós próprios?), porque se havia de pôr a questão de se preservar um determinado ambiente na imagem urbana?”<sup>23</sup>*

---

<sup>21</sup> Choay, F., *Op. Cit.*, p. 31

<sup>22</sup> Choay, F., *A Alegoria do Património*, Coimbra: Edições 70, 1992, pp. 17 e 18

<sup>23</sup> Nery, Eduardo., *A Cor de Lisboa*, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1987, p. 585

O passado materializa-se em diversas formas, surgindo lugares que arquivam as memórias e a sua identidade. De facto, as sociedades estão cada vez mais consciencializadas para protegerem a sua herança cultural, sendo este um elemento fundamental para a compreensão da sua origem e da sua evolução, assim como das suas memórias.

No entanto, a preservação destas memórias não deve ser feita de forma isolada, mas sim conectando-as ao contexto contemporâneo, garantindo a sua funcionalidade nos dias de hoje, para que não se transformem em espaços apagados e devolutos.

*“(…) Cada fracção da história estratificada de um edifício representa mais do que um simples fragmento material, é o testemunho de uma determinada época, de determinada forma de pensar e construir ou, por outras palavras, é a memória de um passado que importa entender e preservar.”<sup>24</sup>*

Numa outra visão, uma das práticas da era contemporânea é o “fachadismo”, que consiste em intervenções contemporâneas em pré-existências, retirando todo o conteúdo do edifício, reconstruindo todos os espaços e mantendo a fachada, sem qualquer relação. Portanto, o edifício antigo passa a ser visto como um entrave, e então faz-se um novo atrás da velha fachada, garantindo um simulacro da sua preservação.

*“Como evitar o fachadismo que, redescobrimo a pedra, retira o reboco em edifícios que sempre o tiveram e pinta de branco (ou outra cor qualquer) a junta entre pedras?”<sup>25</sup>*

A resolução de manter uma fachada transpõe-se pelo seu conteúdo histórico, pelo seu carácter estrutural e pela sua utilidade, ou até como conceito. Deve-se compreender e ajustar essa hipótese, através do estudo do contexto programático da cidade e do sítio onde se insere a edificação.

---

<sup>24</sup> Lacerda, M., (2006). A Arquitectura como guardiã da memória. *Estudos Património*, Nº9, 2006, p.7

<sup>25</sup> Aguiar, J., Dificuldades na conservação e reabilitação do património urbano português. *Revista de Estudos urbanos e regionais – (Sub)Urbanismos e Modos de vida*, nº21, Março, 1995, p.33

## 2.3 Projectar com luz, cor e matéria

### 2.3.1 O que é a Cor?

*“A cor é um tema extremamente complexo, a sua definição varia consoante os campos de conhecimento, são inúmeras as suas definições. Se fisicamente a cor encontra o seu significado na definição do conceito de luz, já químicos, filósofos, sociólogos, psicólogos ou historiadores atribuem-lhe outros diferentes significados. Uma coisa é inquestionável, a cor como a vemos não existe no seu estado puro, ela é um atributo da matéria que nos rodeia, é como tal que cada povo a assimila e interpreta de acordo com a sua cultura, atribuindo-lhe simbologias e significados próprios.”<sup>26</sup>*

Aclarar este complexo fenómeno da cor é difícil. Contudo é possível explicá-lo fisicamente. Segundo a física, a cor é uma particularidade da matéria em função da luz, resultando uma sensação no órgão da visão humana, que estimula as células especializadas da retina, transmitindo assim, para o sistema nervoso, impressões e informação do objecto observado. Não há cor sem luz e sem observador.

*“A cor é sempre percebida como a resposta a um impulso nervoso que chega ao nosso cérebro, devido à acção conjunta da composição espectral de uma luz emitida por uma fonte luminosa (tipo de luz e sua composição espectral), reflectida ou transmitida por um material, e do nível de sensibilidade espectral do observador humano (que é muito variável de indivíduo para indivíduo).”<sup>27</sup>*

---

<sup>26</sup> Tavares, M.; Valverde, Isabel, *A cor na imagem urbana portuguesa*, Lisboa: Estar Editora, p. 7

<sup>27</sup> Aguiar, J., *A Cor e a Cidade Histórica: Estudos Cromáticos e Conservação do Património*. Porto: Publicações FAUP, 2005, p. 151



A cor é, no entanto, interpretada pelo cérebro através da reconstrução de memórias, do conhecimento anteriormente adquirido e da imaginação.

*“A variação da percepção das cores é de grande importância para nós, é um fenómeno natural experimentado inúmeras vezes desde que nascemos, responsável pelo nosso bem-estar e equilíbrio psicológico na harmonia que estabelece com a nossa envolvente natural e com os ciclos cósmicos representados pelo ritmo circadiano de 24 horas, pelas estações do ano e até pelas alterações decorrentes das características meteorológicas (...).”<sup>28</sup>*

A cor é responsável por vários conceitos, tais como textura, forma, volume, sombra e brilho, assim como também de tempo e de espaço, dependendo sempre da luz incidida sobre a superfície.

### 2.3.2 Luz e Cor

*“Sem luz, a cor não existe: as radiações luminosas não têm cor, não são portadoras de cor. As radiações de luz não passam de transmissores de energia e de informação (ainda que, para quase todos os seres vivos, a luz seja uma fonte de energia imprescindível).”<sup>29</sup>*

A luz e a cor são indissociáveis. A luz precisa da cor para se expressar e a cor da luz para ser vista.

Cada cidade é possuidora de um cromatismo específico e diverso não só no que respeita a pintura como também em materiais usados. Portugal é um país com diversas paisagens naturais e consequentemente cada local geográfico possui uma imagem própria segundo essa mesma paisagem envolvente, história, costumes, tradições e condicionalismos.

---

<sup>28</sup> Pernão, J., *A Cor como Forma do Espaço Definida no Tempo: princípios estéticos e metodológicos para o estudo e aplicação da cor em arquitectura e nas artes*. Tese de Doutoramento, FAUTL, 2012, p. 13.

<sup>29</sup> Aguiar, J., *Op. Cit.*, p. 149

A questão cromática não tem a ver unicamente com as técnicas de pintura mas também com técnicas de revestimento, sendo a azulejaria uma das técnicas mais usadas em Portugal revestindo as fachadas na totalidade ou apenas em elementos compositivos, frisos, frontões e outros. No entanto, estas técnicas ao longo dos tempos caíram em desuso, optando-se pelo radicalismo do branco.

*“É mais do que pacífico dizer-se que a cor faz parte integrante e é elemento fulcral dos que caracterizam, humanizando, o espaço urbano e arquitectónico, tornando-o reconhecível e identificável.”<sup>30</sup>*

A cor é um elemento fundamental na definição da identidade do Homem. O Homem associa as cores ao passado, quando este recorre a uma determinada memória. Se a memória é tão importante para o homem, sendo fundamental enquanto identidade humana, então a cor é essencial na definição da mesma.

*“Color is life; for a world without colors appears to us as dead. Colors are primordial ideas, children of the aboriginal colorless light and its counterpart, colorless darkness. As flame begets light, so light engenders colors. Colors are the children of light, and light is their mother. Light, that first phenomenon of the world, reveals to us the spirit and living soul of the world through colors.”<sup>31</sup>*

A cor preserva a cultura e a essência de um lugar, contribuindo para a conservação da própria imagem da cidade, assumindo-se também como expressão cultural de uma dada sociedade.

*“Um simples olhar para uma paisagem arquitectónica ou urbana revela imediatamente como a cor - traduzida em revestimentos, acabamentos e diferentes tipos de superfícies arquitectónicas, recorrendo a diversos materiais e suas múltiplas*

---

<sup>30</sup> Aguiar, J., *Planear e Projectar a Conservação da Cor na Cidade Histórica: experiências havidas e problemas que subsistem*. Lisboa: LNEC, 2003, p.2

<sup>31</sup> Itten, J., *The Art of Color*. New York, Toronto: John Wiley and Sons, Inc., 2002, p.13

*técnicas de manufactura - afecta de forma decisiva a nossa interpretação visual dessas arquitecturas, tocando-nos de forma decisiva. É paradoxal constatar como essa visualidade, esse rosto da cidade histórica, é hoje tão desconsiderado quando projectamos a sua conservação ou reabilitação.”*<sup>32</sup>

A cor assume, por vezes, um valor tradicional, criando um efeito unificador e de afirmação de uma identidade e de cultura, sendo veículos da memória passada, da informação do presente e do planeamento do futuro.

A luz, outro factor importante nos espaços, deve ser emotiva, gerando sensibilidade, sentimentos, produzindo interacção entre matéria, luz, cor, brilhos, texturas. Não só pensamos na luz natural, como igualmente na luz artificial.

*“A luz é o mais bonito, o mais rico e o mais luxuoso dos materiais utilizados pelos arquitectos. O único problema é que é gratuito, está ao alcance de todos e por isso não se valoriza suficientemente.”*<sup>33</sup> (Baeza, 2011, p. 53)

Este privilégio por parte do ser humano, de poder criar diferentes percepções com um só material quando exposto à luz, é referenciado por Peter Zumthor em *Atmosferas* (2006), demonstrando-nos que é o encontro harmonioso entre a cor, luz e matéria que identifica os espaços em arquitectura e que os transforma em espaços para habitar.

*“A luz é a génese da visibilidade, sem luz não existe aparência visual da nossa envolvente.”*<sup>34</sup>

### 2.3.3 A Cor de Lisboa

*“A “identidade” pode definir-se como o conjunto de aspectos que conferem um carácter único ao lugar e está muitas vezes*

---

<sup>32</sup> Aguiar, J., A cor escondida das cidades históricas portuguesas e o caso do Palácio de Queluz. *Cadernos Edifícios*, nº2, Outubro, Lisboa, LNEC, 2002, p.1

<sup>33</sup> Baeza, A. C., *Pensar com as Mãos*. Editora Caleidoscópio, 2011, p.53

<sup>34</sup> Pernão, J., *Op.Cit.*, p.43

*associado a um sentido de territorialidade e de pertença. Assim, os seus utilizadores somam ao espaço o seu cunho, reflectem nele os seus valores, as suas crenças e demonstram os limites; o espaço é, assim, um prolongamento do indivíduo.”*<sup>35</sup>

A cidade de Lisboa foi-se expandindo ao longo do tempo, em que resultou como consequência a alteração das formas de organização tradicional, produzindo mudanças profundas no tecido urbano.

*“Falar de cidade tradicional ou histórica e de cidade contemporânea, contrapondo-as, pode parecer não fazer muito sentido, uma vez que a cidade é uma só.”*<sup>36</sup>

Tal como na maioria das cidades históricas portuguesas, Lisboa detém inúmeras influências e origens, deixadas pelas diferentes culturas que marcaram o território nacional.

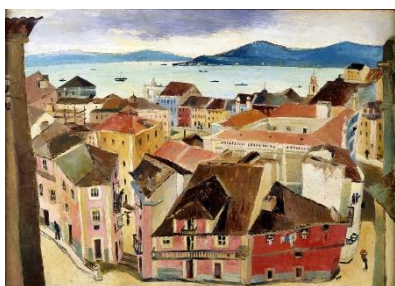


Figura 3 | Carlos Botelho, Ramalhete de Lisboa, 1935, óleo sobre contraplacado, 72 x 100 cm

*“A policromia de Lisboa revela toda a influência da sua geografia e da sua história. Mas, é na luz reflectida do rio Tejo, invadindo as colinas, e sublinhando o jogo cromático do casario sobre as encostas, que se manifesta toda a sua riqueza cromática. No entanto nos becos e vielas dos bairros históricos, a experiência plástica é-nos transmitida no detalhe, pelos elementos que compõem e adornam as fachadas, ou pelos coloridos padrões dos azulejos. E é neste jogo de luz e cor, que a cidade se espraia.”*<sup>37</sup>

Em Portugal, focando-nos no caso de Lisboa, a sua herança histórica, a sua localização geográfica, a proximidade com o Tejo e a sua luz, torna a cidade única e com uma identidade própria.

---

<sup>35</sup> Antunes, M. S. C., *O Comunitário e a Reabilitação Urbana: Centro de Proximidade de Belém*. Dissertação de Mestrado, FAUTL, 2012, p. 45

<sup>36</sup> Sá, R. M., *Diálogos entre a História e a Contemporaneidade – A Expansão da Biblioteca de Belém*. Dissertação de Mestrado, FAUTL, 2012, p. 23

<sup>37</sup> Tavares, M.; Valverde, Isabel, *A cor na imagem urbana portuguesa*, Estar Editora, Lisboa, p. 41

*“O tradicional azulejo de padrão caiu em desuso entre 1930 e 1940, foi pontualmente utilizado depois deste período, mas normalmente liso e só de uma cor, sendo que os poucos sobreviventes se encontram bastante degradados. Na década de 50 destacou-se em Lisboa a aplicação da marmorite como revestimento das fachadas, com tons claros do rosa ao laranja. Os mosaicos cerâmicos e de vidro, texturados e brilhantes, passaram a constituir mais uma opção de acabamento, aumentando a variedade estética da cidade. As tintas, industrialmente produzidas, perderam as suas particularidades específicas e tornaram-se densas e visualmente desagradáveis.”<sup>38</sup>*

A marmorite é um acabamento frequente em Portugal em edifícios do período que vai de 1950 a final da década de 1970. Este material consiste numa argamassa de revestimento não pintada, sendo o agregado deixado à vista, que é seleccionado – cor, dimensão e forma variáveis – para conferir o aspecto desejado. Era resultado do aproveitamento dos desperdícios dos mármore de Pêro Pinheiro.

No decorrer dos anos, outros revestimentos foram surgindo, tais como a pintura a óleo (comum nos anos 40), as tintas de água, que só recentemente atingiram uma maior resistência, os mosaicos de vidro, influenciando e alterando os hábitos visuais de então, dada a grande importância das suas texturas com diversos brilhos e a sua reflectância.

Apesar de origem francesa, o mosaico hidráulico também foi um material de eleição, revestindo pavimentos, com motivos geométricos coloridos.

Nos anos 60 registam-se outros fenómenos, tais como, o betão à vista, o tijolo burro (sobretudo nos Olivais), as pinturas de branco,

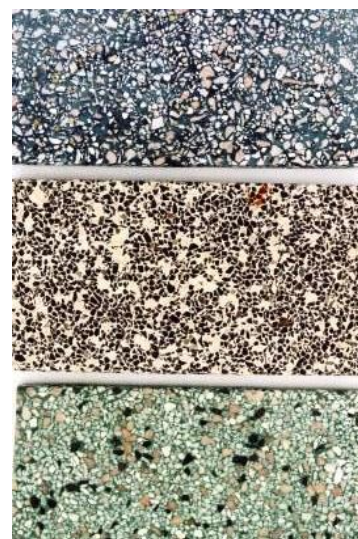


Figura 4 | Marmorite



Figura 5 | Mosaico hidráulico

<sup>38</sup> Chagas, D., *Cor e Conservação: As Intervenções Cromáticas no Terreiro do Paço*. Dissertação de Mestrado, FAUTL, 2010, p. 76

*“aparentemente como uma catarse purificadora”*<sup>39</sup> e as grandes fachadas de vidro temperado, que reproduzem mais céu.

É de salientar que a pedra é e continua a ser o material que vai aguentando ao longo do tempo, apesar do seu elevado custo.

A consciencialização tardia da importância da imagem urbana como identidade patrimonial cooperou numa incorrecta abordagem na prática do restauro e da renovação cromáticas. Esta situação, segundo José Aguiar (2002), coloca Portugal em risco de desperdiçar parte do valor arquitectónico urbano, de forma irreversível. Esta situação é ainda mais dramática quando se trata da salvaguarda dos habitats tradicionais, havendo uma recusa da evolução histórica.

#### 2.3.3.1 O Brilho do azulejo

Em Portugal, o uso do azulejo tem aproximadamente cinco séculos, em que a histórica presença constante na vida dos portugueses, permite uma relação intrínseca e indissociável entre a cultura portuguesa, completando de brilhos e cor a arquitectura nacional.

Inicialmente era limitado aos interiores, o que não impossibilitou, contudo, o seu desenvolvimento e a sua criatividade, posteriormente trazido para o exterior.

Revestiu paredes, tectos e pavimentos em interiores tanto civis como religiosos, dando vida aos espaços, com funções de carácter simbólico ou sacro.

*“A conformidade do azulejo – objecto manuseável, palpável – com o objecto arquitectónico e com o espaço urbano tem tido um papel dinamizador na animação “visual” dos trajectos percorridos na cidade, da imagem urbana.”*<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> Nery, E., *A Cor de Lisboa. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1987, p.580

<sup>40</sup> Ferreira, C. M., *Matéria, Brilho e Cor: Características do Azulejo e sua importância na percepção espacial: Para uma reabilitação do azulejo como*

Não sendo o objectivo do presente estudo, uma pesquisa histórica exaustiva sobre a temática da azulejaria, é essencial o enquadramento histórico da sua utilização ao longo dos tempos.

Durante a primeira metade do século XVI, todos os azulejos aplicados em Portugal foram importados do sul da península ibérica – azulejos *hispano-árabes* – executados com as técnicas de *corda seca* e de *aresta*. Os revestimentos aplicados seguiam o estilo mudéjar e provinham significativamente de Sevilha.

No entanto, na segunda metade do século XVI verificou-se um progressivo abandono do azulejo *hispano-árabe*, em substituição pelo azulejo *italo-flamengo*. Este último era conhecido como *majólica*, de pintura lisa. No entanto, devido a conflitos políticos, a troca cultural entre os mestres da Flandres e os ceramistas portugueses terminou, em que mal preparados, os ceramistas nacionais envergaram por esquemas geométricos e intuitivos.

Entre 1580 e 1640, no domínio filipino, o revestimento em azulejo foi colocado em segundo plano. Mas, é neste período que se verifica a notável diferenciação entre a azulejaria portuguesa e a espanhola, surgindo o azulejo *enxaquetado* ou *axadrezado*.

Na segunda metade do século XVII, após a guerra da Restauração e a assinatura de paz com Espanha, regressaram os temas figurativos e surgiram painéis de cenas religiosas, que eram intercalados com revestimentos contínuos.

Durante o reinado de D. João V, as obras realizadas são de reconhecido valor, surgindo pintores exclusivos de azulejos e o material demonstra todas as suas aptidões decorativas e pictóricas, impondo-se a simetria, a técnica *trompe l'oeil* e as *figuras de convite*.

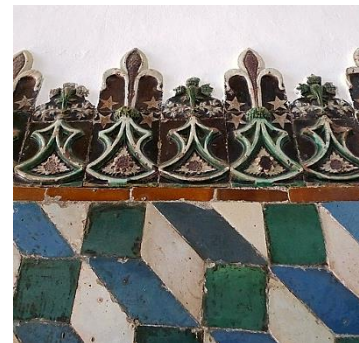


Figura 6 | Azulejos hispano-árabes, Palácio de Sintra, Sala Árabe

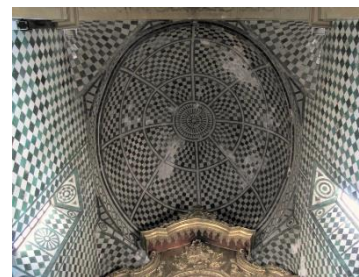


Figura 7 | Azulejo enxaquetado, Évora, Ermida de São Brás



Figura 8 | Azulejos, Palácio dos Marquês de Fronteira, Lisboa



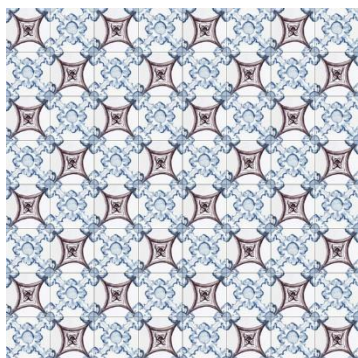


Figura 9 | Padrão Pombalino



Figura 10 | Rua da Trindade, 28-34, Lisboa

Nos meados do século XVIII, o azulejo aplicou-se maioritariamente na construção civil, aos estilos da época – barroco, *rococó*, pombalino e neoclássico – apenas em lambrim.

Apesar do terramoto de 1755, a relação do azulejo com a arquitectura manteve-se, sofrendo uma mudança ao nível da sua produção, passando de artesanal a série industrial.

No entanto, na nova arquitectura pombalina, o azulejo apenas serviu como material de interior, aplicado em escadas ou em algumas divisões principais das *novas casas de andares*. “*Por razões técnicas ou por razões económicas, ou ambas, a verdade é que nenhum dos quarteirões da Baixa foi imaginado com revestimento a azulejo, mas sim com uma correcta austeridade*”.<sup>41</sup>

Em meados do século XIX, o uso do azulejo em Portugal foi influenciado pelo Brasil e pela primeira vez foi utilizado como revestimento de fachadas, com padrões industrializados. Nesta época, afirmou-se também, um gosto por azulejos peculiares – de *relevados*, de *aresta*, figura avulsa e motivos árabes – e por esquemas figurativos.

Apesar da extensa tradição, o azulejo arquitectónico não existe praticamente nas fachadas entre os anos 20 até aos anos 50, chegando a ser proibido o seu uso.

“*Os arquitectos portugueses não souberam incluí-lo nos novos estilos que despontavam na Europa e que, por seu turno, não consideravam o azulejo como material significativo*.”<sup>42</sup>

As aplicações mais frequentes seriam em lambrim e em revestimento de fachadas. O lambrim era utilizado em cerca de um terço da altura da parede, como medida higiénica e de protecção mecânica, com temas de Arte Nova e Arte Deco. O revestimento de fachadas foi reduzindo, ficando por vezes apenas no piso térreo do edifício, publicitando o comércio existente ou por faixas,

<sup>41</sup> Pinto, L., *Azulejo e Arquitectura: ensaio de um arquitecto*. Lisboa: Banco Nacional de Crédito Imobiliário, 1994, p. 102

<sup>42</sup> Pinto, L., *Ob. Cit.*, p. 117



platibandas ou pilastras decoradas com motivos florais ao estilo da época.

*“Ironicamente, durante a tão criticada «onda de amarelo» dos anos 30/40, só o azulejo a ela pôde resistir, impedindo que o ocre amarelo se generalizasse a todas as fachadas, como infelizmente ainda hoje acontece nas insípidas e monótonas ruas da Baixa Pombalina, onde os tons creme e marfim dominantes, apenas são interrompidos, de longe a longe, pela inconfundível reverberação dos azulejos.”<sup>43</sup>*

É nos anos 50, que o arquitecto Porfírio Pardal Monteiro desenvolve uma intensa pesquisa sobre a aplicação do azulejo na arquitectura, marcando este período com grandes projectos de revestimentos totais de fachadas.

É de destacar também, a utilização do azulejo em espaços interiores, como no Metropolitano de Lisboa, com o contributo da ceramista Maria Keil e do arquitecto Keil do Amaral.

Nos finais do século XX, a Exposição Mundial realizada em Lisboa, EXPO 98, vem trazer uma actual utilização do azulejo, destacando-se autores como Pedro Cabrita Reis, Fernanda Fragateiro e Álvaro Siza Vieira.

É de salientar, também, projectos mais recentes e de experimentação, que recriam, reinterpretam e reapropriam-se do típico azulejo português – o designer gráfico Diogo Machado (AddFuel), Tiago Tejo (Pixelejo) e Maria D’alma (Recuperarte).

*“Pelas suas características físicas o azulejo não reveste apenas a superfície do edifício, ele participa no espaço, modificando-se com a luz, reflectindo-a nos elementos que lhe são adjacentes, participando activamente na construção de um espaço urbano vital e estimulante.”<sup>44</sup>*



Figura 11 | Rua Alexandre Herculano, 57, Lisboa; arquitecto Ventura Terra

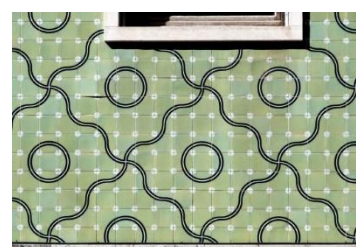


Figura 12 | Rua do Vale de Pereiro / Rua do Salitre, Lisboa; arquitecto Pardal Monteiro



Figura 13 | Fernanda Fragateiro, Projecto das Sombras, Parque das Nações, Jardim da Água, 1998



Figura 14 | Add Fuel, 2012

<sup>43</sup> Nery, E., *Op. Cit.*, p.577

<sup>44</sup> Ferreira, C., *Op. Cit.*, p.10

O azulejo e a arquitectura coabitam o espaço, numa relação de simbiose. O edifício permite ao azulejo habitar o espaço, revelando-se um elemento capaz de transformar um dado ambiente, ao nível visual e de significado. Por vezes, destaca-se da arquitectura, ganhando uma personalidade própria e singular.

É muito mais do que um elemento material, sendo capaz de reproduzir sensações tácteis, visuais e de memória.

São três as características fundamentais do azulejo, como material físico – a matéria, o brilho e a cor.



Figura 15 | Grés, faiança e barro vermelho

A matéria é de base uma pasta cerâmica, que varia entre barro vermelho, faiança ou grés.

*“A luz que incide num corpo cerâmico vidrado, como é o caso dos azulejos, é influenciada por aquilo que é o objecto cerâmico, ou seja, uma base em pasta cerâmica, recoberta com uma camada de vidrado que lhe está, não apenas sobreposta, mas que com ela interage, película esta, que tem também características próprias, as quais interferem de forma decisiva no comportamento da luz incidente.”*<sup>45</sup>

O brilho está associado à quantidade de luz reflectida pela superfície de um modo dirigido e em que no caso dos azulejos o tipo de acabamento influencia de forma significativa a criação de reflexões especulares múltiplas.

O acabamento da superfície cerâmica (o vidrado, a textura, a criação de planos diferenciados, relevos ou detalhes) contribui não só na sua experiência táctil e visual, como também nas variações da percepção da cor do azulejo.

*“A capacidade reflectiva do azulejo contribui, também, para o aumento da profundidade de visão; ao reflectir na sua superfície pedaços de céu – trazendo luz às ruas estreitas e sombrias e o ambiente envolvente – reflectindo imagens de objectos e pessoas que estão fora do campo visual.”*<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> Ferreira, C., *Op. Cit.*, p.41

<sup>46</sup> Miller cita por Ferreira, C. M., *Matéria, Brilho e Cor: Características do Azulejo e sua importância na percepção espacial: Para uma reabilitação do azulejo como*

O padrão é ainda outro factor importante, estando este associado à cor. O revestimento padronado constituído por módulos, anima a superfície, criando pontos de interesse visual dependendo da distância do observador e produzindo efeitos ópticos/mistura óptica, dando lugar a uma imagem mais definida se observado de perto ou difusa se a uma grande distância.

*“Sinto com pesar a falta de novos padrões de azulejos, concebidos para se integrarem em fachadas, lamentando que a cor de Lisboa esteja a ser gradualmente amputada de um dos seus elementos mais preciosos, à medida que se vão demolindo muitos dos prédios revestidos a azulejos, sem se verem surgir alternativas com qualidade cromática e decorativa equivalente”.*<sup>47</sup>

A memória do azulejo permanece. O abandono das habitações lisboetas, a mudança dos hábitos culturais e as novas tecnologias na construção contribuem para a não-manutenção dos azulejos já existentes e para a não-renovação de novos. Surge um simulacro de azulejos históricos e a ruína dos autênticos, enchendo os olhos aos turistas que passam pela cidade de Lisboa.

#### 2.3.3.2 O saguão e o pátio português

Desde o início da história da humanidade que se verificaram casos de tipologias de casas com espaços exteriores centrais, sendo os casos mais antigos encontrados na China e na Índia.

Apesar dos inúmeros exemplos em Lisboa de pátios e saguões, será abordado em particular atenção os saguões das

---

*elemento qualificador do espaço público urbano*. Dissertação de Mestrado em Cor na Arquitectura, FAUTL, Lisboa 2006, p. 117

<sup>47</sup> Nery, E., *Op. Cit.*, p.572

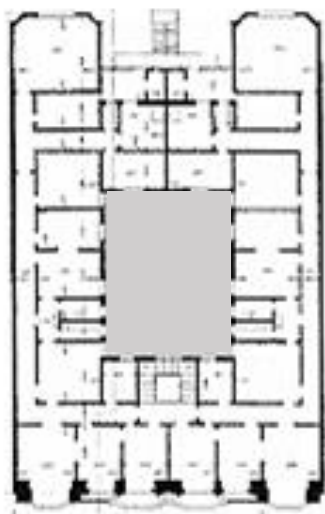


Figura 16 | Saguão central, Rua Castilho, 65, Lisboa, 1937

casas burguesas, um pouco mais modestas que no resto da Europa, de leitura mais compreensível e clara.

Reconhecem-se duas posições fundamentais do saguão: uma central em relação ao edifício e outra lateral, adjacente às empenas laterais, afastado das fachadas exteriores. Cada um assume o seu protagonismo, de variável dimensão e participação com o interior da casa.

No caso da cidade de Lisboa, grande parte dos pátios que ainda subsistem, têm data posterior ao terramoto de 1755 e até à década de 1940 existiam saguões em edifícios habitacionais.

Ao longo dos tempos, devido à densificação urbana extensiva, o uso do saguão cooperou como meio de controlo ambiental da habitação e do seu conforto, através da ventilação, iluminação natural e contacto com o exterior. Apesar disso, actualmente o seu uso é ilegal, considerado insalubre, sendo substituído por outros meios.

*“Em termos gerais, um saguão é definido como um pequeno pátio, estreito e descoberto, cuja função é ventilar e iluminar compartimentos que não recebem ventilação e luz directa do exterior. [...] Ao contrário do pátio, que sempre teve lugar nobre na história da arquitectura, o saguão está hoje explícita ou implicitamente proscrito numa parte muito significativa da arquitectura doméstica em que nos podemos reconhecer.”<sup>48</sup>*

O conceito de saguão, apesar de estar relacionado com questões de natureza técnica, não é tão evidente como a ideia de pátio.

O conceito de pátio está relacionado com um exterior particular, possível de habitar e de permanência. No entanto, o saguão é a presença de um vazio numa realidade habitada, de não permanência, mas de carácter visual.

Em relação ao sentido do próprio espaço, o pátio pode ser um centro ou transitório, convergindo inúmeros espaços à sua volta

---

<sup>48</sup> Reis, N. M. A., *O Saguão na Habitação Urbana: O interior da casa em torno de um vazio nuclear*. Tese de Doutoramento, FAUTL, 2009, p. 10

ou um lugar de mudança de um espaço para um outro diferente ou de preparo para outro compartimento.

O pátio comunitário, por exemplo, é um espaço habitado que reforça os laços sociais e é um mediador entre a rua e a casa. Une espaços e promove dinâmicas de socialização e interação entre indivíduos, com a própria habitação, o semi-privado/pátio e o público/rua.

*“Resta-nos abordar o saguão como um lugar de insólita interioridade doméstica, para defender que esta sua qualidade deve ser entendida como um valor arquitectónico.”<sup>49</sup>*

Não é só pela função de ventilar um espaço de interior, cuja inexistência de vãos na fachada obriga à escolha desta solução. É o modo como a luz rasante entra no compartimento, a convivência com a vizinhança, que segundo Nuno Arenga, transforma a habitação, numa casa extrovertida<sup>50</sup>, a vista do céu, o estar no exterior no interior, a admiração da presença de luz natural onde não idealizávamos poder existir.



Figura 17 | Pátio do Carrasco, Lisboa, 1968

## 2.4 Novos modos de habitar: o alojamento temporário

*“A arquitectura reforça a experiência existencial, nossa sensação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço da identidade pessoal.”<sup>51</sup>*

Habitar é um acto fundamental da condição humana. É o espaço de onde o habitante parte e para o qual regressa todos os dias; um espaço de repouso, que o ampara do mundo exterior, sendo este, o seu mundo interior, o seu abrigo.

*“A família tipo continua a ser o casal com dois filhos, quando se sabe que esse tipo de família já não é o que reflecte maior percentagem. Hoje em dia há uma variedade muito grande de tipos de família – a pessoa solteira; o casal com um único filho; o casal*

---

<sup>49</sup> Reis, N. M. A., *Op. Cit.*, p. 301

<sup>50</sup> Reis, N. M. A., *Op. Cit.*, p. 290

<sup>51</sup> Pallasma, J., *Op. Cit.*, p.39

*sem filhos; a mãe ou o pai solteiro com filhos a seu cargo; o casal de idosos, e por aí adiante. Há que ganhar consciência deste facto e conseguir incorporá-lo (entre outros) na concepção da habitação.”*<sup>52</sup>

No entanto, contrapondo com a habitação corrente, surge a habitação temporária, fruto dos novos tempos e das novas formas de vivência do espaço. A crise económica veio acentuar as transformações e os novos tipos de família que surgem desta situação: os jovens saem mais tarde de casa dos pais, o casal idoso que vai morar com os filhos, a mãe solteira que anseia sair de casa, o jovem licenciado que deseja a sua independência, o trabalhador que trabalha por conta própria a partir de casa, entre outros. Este tipo de habitação deve responder a diferentes interpretações, interactiva e polivalente, consoante as necessidades do seu ocupante.

*“Projectar terá de significar a procura de soluções espaciais não para algo específico, mas antes para o incerto, para algo que possa ter várias leituras, várias interpretações por parte do seu ocupante (...) Esta casa é do passado porque pode viver no presente e é do presente porque pode viver no futuro.”*<sup>53</sup>

Ainda que o homem contemporâneo habite várias casas ao longo da vida, a casa deve sempre ser o reflexo da sua identidade, intimidade e abrigo, apesar de ter um carácter transitório, no caso estudado.

A habitação temporária é muitas vezes concebida como espaço para acolhimento de pessoas que por diversas razões necessitam de o ocupar temporariamente, muitas das vezes associada a catástrofes naturais ou de perda por parte do indivíduo da sua própria casa.

Em termos sociais, em relação às casas transitórias *“a arquitetura pode fomentar ou desencorajar formações de*

---

<sup>52</sup> Pinto, I. A., *Habitação responsiva – uma abordagem alternativa à problemática da pré-determinação funcional moderna na habitação colectiva contemporânea*. Dissertação de Mestrado, FAUTL, 2012, p.2

<sup>53</sup> Pinto, I. A., *Op. Cit.*, p.5

*interações sociais.*”<sup>54</sup> Deve, por isso, haver um controlo sobre o dimensionamento dos espaços e sobre as relações que resultam desses mesmos espaços, em que os utilizadores possam criar laços e ligações entre eles. Estas relações verificam-se quando os espaços são partilhados, tais como cozinhas, lavandarias, salas de estar ou então quando as habitações albergam mais do que um utilizador.

O Hotel é das formas de habitação temporária mais convencionais que conhecemos. Em Lisboa, este tipo de alojamento só surgiu a partir de meados do século XIX, com a burguesia romântica, ainda fascinada com o luxo e de carácter cosmopolita. Importa ainda referir que a generalidade das instalações hoteleiras desta época albergaram-se em edifícios pré-existentes, preferencialmente com funções habitacionais ou de carácter apalaçado, em que no decorrer desse processo, a composição original sofre alterações mais ou menos significativas.

As diferenças entre este tipo de habitar e o convencional são ao nível da fixação nos espaços, da sua apropriação, do tempo e do efémero. A capacidade de enraizamento do indivíduo na habitação diminui, criando, por vezes, apenas condições mínimas de habitabilidade. A flexibilidade perante os utilizadores e a rentabilização do espaço são também factores a ter em conta nestas situações.

O que raramente é associado a este tema são as casas de férias. Reflectindo sobre o tópico, as habitações de temporada são casas de uso em curto espaço de tempo, adaptadas às necessidades básicas do indivíduo, sem recurso a elementos supérfluos. Numa casa de férias sentimo-nos na nossa própria casa, mas de espírito mais leve, mais organizado e menos monótono. Porque não adaptar este conceito às nossas próprias casas, resgatando ideais de organização espacial deste tipo de habitação?



Figura 18 | Casa de Caminha, Sérgio Fernandez

<sup>54</sup> Ramalho, A. R., *A Casa e o Método: Concepções de Vivência e Identidade*. Dissertação de Mestrado, FAUTL, 2013, p. 23





### 3. PROPOSTA



*“O arquitecto teve uma ideia. (...) E quis entender então o que era e como era este espaço. (...) Lá dentro o arquitecto pôde comprovar que finalmente conseguia dominar até quatro planos de cada vez, e até cinco se apoiasse as costas num dos planos verticais. E mesmo os seis planos se se colocasse num ângulo em situação diagonal. Concluiu o arquitecto, já acordado, que a Arquitectura, o domínio do espaço, é uma simples questão de medidas, de dimensões domináveis, que é preciso pôr em relação com as dimensões do homem. Também concluiu que era uma questão de luz, sem a qual a arquitectura não era nada.”<sup>55</sup>*

---

<sup>55</sup> Baeza, A. C., *Op. Cit.*, pp. 23 e 24



### 3.1 Contextualização histórica do Largo do Intendente

O *Hotel Comunitário* situa-se na freguesia de Arroios, mais concretamente no Largo do Intendente, estendendo-se para a Rua do Benfornoso e para as Escadinhas das Olarias. Para melhor compreender o lugar em questão, será feita uma análise mais abrangente do território, do ponto de vista da sua história e desenvolvimento. O objecto em estudo insere-se num território rico de memórias, patentes nos próprios edifícios, nas ruas ou nas gentes que por ali passaram ao longo dos tempos.

O posicionamento geográfico do local é notável, estando a pouca distância de comércio, serviços, transportes, miradouros, monumentos de interesse, inserindo-se no centro histórico da cidade.



Figura 19 | 1780 - Planta topográfica de Lisboa - grandes áreas de agricultura; pequenas áreas edificadas

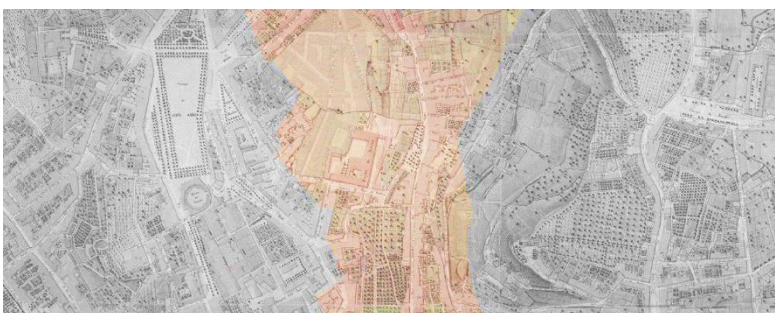


Figura 20 | 1856/58 – Filipe Folque; Loteamentos parcelados e organizados assim como as praças e ruas; aumento de áreas edificadas



Figura 21 | 1871 – Planta CML; Novo plano de eixos principais e secundários das vias públicas



Figura 22 | 2011 - Ortofotomapa

Inicialmente, Lisboa começou por se desenvolver dentro das muralhas do castelo, “*estendendo-se depois pelos subúrbios e englobando uma área que em tempos recuados era campo recortado por ribeiros, salpicada de mate, terras de sementeira, oliveiras e quintas, onde, pelos seus bons ares, sossegado e curta distância da corte, se foram espalhando congregações religiosas e palácios senhoriais, com as suas cercas, hoje zonas perfeitamente integradas na grande metrópole*”.<sup>56</sup>

O bairro da Mouraria, de onde o Largo do Intendente é parte integrante, foi das primeiras áreas da cidade com ocupação humana, onde o povo árabe se instalou até ao século XII, quando se dá a reconquista cristã. O tecido do bairro caracteriza-se por uma malha muito densa e irregular, mantendo-se praticamente intacta até à actualidade, mesmo com o terramoto de 1755, que assolou Lisboa.

---

<sup>56</sup> Baltazar Caeiro, Os Conventos de Lisboa in Marcelo, I. C., *A Reabilitação da Memória da Cidade – Novos usos, novos fluxos. O Caso do Hospital do Desterro*. Dissertação de Mestrado, FAUTL, 2013, p. 53

No entanto, após os anos 60, a Mouraria é afectada devido à renovação do Martim Moniz, dando-se uma alteração funcional ao nível de ocupação de comércio e da crescente ocupação de população de diferentes culturas – portugueses, angolanos, chineses, paquistaneses e indianos.

*“Gente, animais, focinhos e caretas,  
Pés e patas, caleches e carrões.  
Cavalos, burros, vacas e peões,  
Saloios, cidadãos, pretos e pretas.*

*Tudo isto com berros e trombetas,  
Discorde como o viver dos furacões,  
Um cem cessar de rodas e pregões,  
Um Valpúrgis de carros e carretas.*

*Sobre isto ainda avulta, acre e vivaz,  
O maço d’um latoeiro, impertinente  
Noite e dia a bater, zás-trás, zás-trás.*

*E que é isto? Perguntas certamente;  
O dia de juízo pensarás.  
Enganas-te – é o Largo do Intendente.”<sup>57</sup>*

O nome do Largo do Intendente Pina Manique tem como origem o Intendente Geral da Polícia, Diogo Inácio Pina Manique, por ali ter instalado o seu Palácio. Até então, era apenas uma zona de passagem, existindo apenas umas estalagens.

Outro Palácio deste Largo, pertenceu ao Visconde da Graça, Jorge Croft, fundador de uma importante fábrica de vidros na Marinha Grande, que se situa nos números 31 a 39. O Palácio passa a casa de rendimento, encontrou-se em muito mau estado de conservação, sendo que actualmente está recuperado.



Figura 23 | Largo do Intendente Pina Manique, 1944



Figura 24 | Largo do Intendente, 2015

<sup>57</sup> Júlio de Castilho in Neves, E. A., *Do Sítio do Intendente*. Lisboa: Amigos de Lisboa, 1950, p.5



Figura 25 | Chafariz no Largo do Intendente, 1898-1908



Figura 26 | Fábrica Viúva Lamego, 1961



Figura 27 | | Largo do Intendente com vista para a Rua do Benfoso, início século XX

Uma importante obra do Largo é o edifício em gaveto do arquitecto Adães Bermudes, que valeu um Prémio Valmor no mesmo ano da sua construção, em 1908, de linguagem decorativa Arte Nova patente nos azulejos e de neobarroco na cúpula e nos seus ornamentos.

Por influência do Intendente Pina Manique, foi mandado erguer um chafariz junto da fábrica de Cerâmica da Viúva de Lamego, um projecto dos arquitectos Henrique Guilherme de Oliveira e Honorato José Correia, entre os anos de 1823 e 1824. É transferido em 1917 para a Rua da Palma.

Em 1849, no Largo, instala-se a fábrica de olaria mais importante da época, de seu dono António Costa Lamego, sendo conhecida como a Fábrica de Cerâmica da Viúva Lamego. Não é por acaso a sua instalação neste ponto. Sabe-se que este local, na encosta dos Montes da Graça e de S. Gens era rico em argila, o que levou a que muitos oleiros aqui se fixassem, dando origem aos nomes das ruas próximas ao largo – Rua das Olarias, Largo das Olarias, Escadinhas das Olarias e Beco das Olarias.

A Rua do Benfoso passa a ser importante como via obrigatória para quem desejasse ir para Norte, sendo o largo de paragem obrigatória. Era um local pitoresco, de grande vivacidade comercial e de intenso tráfego. Após a abertura da Avenida Dona Amélia, o tráfego é desviado da Rua do Benfoso, para a dita Avenida, que mais tarde apelidada Avenida Almirante Reis.

A Rua do Benfoso apresenta particularmente vários edifícios de arquitectura popular de interesse, possivelmente alguns anteriores ao terramoto de 1755, com azulejaria invulgar nas fachadas. É de relembrar a presença de várias olarias nesta zona, que produziam abundantemente no século XIX. O nome dado à rua, pensa-se que tenha derivado das palavras “Boy Formoso”. Em outros tempos, consta-se ter existido uma quinta com um boi de tal maneira deslumbrante, que o lugar permaneceu com esta expressão. Esta rua foi também apelidada de Paço do

Benfornoso, nome derivado da procissão dos passos da Graça, que passaria pelo local.

Em 2012, é feita uma renovação ao Largo, tornando-se uma praça convidativa, em que ao centro foi erguida uma escultura em ferro forjado da autoria da artista Joana Vasconcelos, alguns dos seus edifícios renovados, albergando novos projetos e habitantes.

Apesar da brusca mudança, o local tem muito para renascer. Ainda assim, pelas ruas, vemos inúmeras ausências de amor: lixo, miséria, abandono, destruição. É isto que nos impede de ver para além daquele bairro com um nome que nos transmite estas palavras de desamor. É preciso ir à janela e afastar as cortinas, aquela neblina que nos cega e não nos deixa ver. Por detrás da má fama das prostitutas e dos toxicodependentes existe história. Existe uma atmosfera naquele bairro de vizinhança, com uma variedade incrível de pessoas, de várias etnias, prontas a construir um futuro melhor naquele lugar. O arquitecto não tem a responsabilidade de mudar a história, mas tem a responsabilidade de conseguir que aquele lugar, outrora esquecido, tenha amor-próprio e alguma auto-estima.

Olhando mais tarde e com mais atenção, o bairro chama-nos e abre-nos a porta. Não tem complexos com aquilo que é, despido de preconceitos, deixando transparecer nos gestos, nos olhares de cada um, em cada canto deste lugar, um grande orgulho de ser e ter história.

### **3.2 Análise da pré-existência: de Palacete a vazio urbano**

*“Na cidade contemporânea um dos maiores recursos para a sua reavaliação reside nos lugares degradados, “obsoletos”, ou marginais, que encontramos disseminados desde o tecido urbano consolidado às periferias. Formam uma verdadeira rede de hipóteses que, quando avaliadas em conjunto, podem produzir um profundo impulso reformador da cidade. Vazios Urbanos, Brownfields, Terrain Vague ou Espaços Banais são designações*



*comuns para estes lugares que deveriam estar presentes, de forma consciente e concertada, nos planos estratégicos das cidades.”<sup>58</sup>*



Figura 28 | Edifício de intervenção, 1944

O lugar a intervir, situado no Largo do Intendente, na Rua do Benfornoso e nas Escadinhas das Olarias, contempla uma monumental fachada, sustentada por uma estrutura metálica. O seu interior é totalmente destruído em 2013, intitulado-se de vazio urbano.

Fora outrora um palacete urbano de traça pombalina, estando classificado como imóvel de Valor Concelhio.

Os primeiros documentos do Palacete datam de 1879, em que a fracção mais à direita, situada na Rua do Benfornoso, no nº282, exibía somente três pisos. Mais tarde, a mesma fracção contempla quatro pisos.

Pelo edifício passaram inúmeros estabelecimentos, para além da habitação:

- Em 1939, no nº294, instalou-se o estabelecimento Lima e Companhia, Torneiro Metálico;
- Em 1953, nos nº280 e 282, no 1º andar a tornejar para as Escadinhas das Olarias, inaugura o estabelecimento Triunfo Bar;
- Em 1954, uma casa de vinhos instala-se nos nº 280 e 282, construindo uma escada em madeira interior de comunicação da loja para o 1º andar;
- Em 1955, a Cervejaria das Beiras, Lda realiza obras no estabelecimento, colocando mosaicos no pavimento e azulejos em lambrim de 1,50 m de altura;
- Em 1983, instala-se no edifício um estabelecimento de bebidas com sala de jogos;
- Em 1984, nos nº 284 e 286, uma loja de ferragens “Gil e Cal” Lda.



Figura 29 | Edifício de intervenção - obras de demolição, 2013

---

<sup>58</sup> Trienal de Arquitectura de Lisboa, *Vazios Urbanos*. Lisboa: Caleidoscópio, 2007, p. 13



Muitas foram as actividades de comércio que o edifício viu surgir. No entanto, os últimos estabelecimentos verificados, divididos por 13 fracções autónomas, foram:

- Nº 278 e 280, na Rua do Benfornoso – estabelecimento de bar com galeria na sobreloja;
- Nº 280 A e 282, na Rua do Benfornoso – estabelecimento de bar com zona de arrumos na sobreloja;
- Nº 284 A e 286, na Rua do Benfornoso – loja de ferragens e armazém na sobreloja;
- Nº 288 A e 290, na Rua do Benfornoso – estabelecimento de loiças com prolongamento para o 1º andar por escada interior privada;
- Nº 292 e 294, na Rua do Benfornoso – oficina e cromagem com ligação por escada interior privativa e arrecadação na sobreloja;
- Nº 57 e 57 A, no Largo do Intendente – estabelecimento de bar;
- Nº 58, no Largo do Intendente – estabelecimento de ervanária com galeria na sobreloja;
- Nº 284, na Rua do Benfornoso, com acesso pela escada do prédio, 1º andar direito – pensão;
- Nº 284, na Rua do Benfornoso, 2º andar direito – habitação;
- Nº 284, na Rua do Benfornoso, 2º andar esquerdo – loja de fazendas;
- Nº 284, na Rua do Benfornoso, 3º andar esquerdo – oficina de espelhos;
- Nº 284, na Rua do Benfornoso e nº 14, nas Escadinhas das Olarias, 3º andar direito – pensão e logradouro;
- Nº 14, nas Escadinhas das Olarias, 4º andar – pensão com comunicação ao 1º andar com sótão para arrumos e logradouro.



Figura 30 | Edifício de intervenção,  
Largo do Intendente, 2015



Figura 31 | Edifício de intervenção,  
Escadinhas das Olarias, 2015

É nítida a divisória do edifício pré-existente, em 3 partes. O projecto irá reflectir e relembrar esta subdivisão de espaços, através da sua estrutura, de cotas diferenciadas e pelos acessos.

A fachada a poente, de acesso pelo Largo do Intendente e pela Rua do Benfornoso, mantém uma faixa horizontal de azulejos no topo do edifício, com cunhal e soco de pedra calcária com acabamento bujardado e vãos em cantaria com arco abatido nos acessos principais.

A fachada a Sul, nas Escadinhas das Olarias, é revestida a azulejo de padrão policromo, desenhado a partir de um reticulado diagonal através de rectângulos e triângulos, sendo comum nesta época, variando somente a cor utilizada. Seria por esta fachada o acesso ao logradouro e ao *barracão*.

É de salientar que a construção nas traseiras é, por norma, um tipo de ocupação residual realizado por acrescento, na sua maioria associado a condições precárias.

### 3.3 Um Palacete no Intendente – *Hotel comunitário*

Após uma análise do local e das suas necessidades, o programa adequado situou-se entre o habitar e a comunidade, projectando-se um edifício capaz de prolongar as suas actividades iniciadas no seu interior para o exterior, podendo ser usufruído por todos. Um espaço pronto a receber a comunidade, de portas abertas e não fechado sobre si mesmo e apenas para indivíduos que frequentem o lugar apenas de passagem.

Assim sendo, propõe-se um espaço híbrido com funções de habitação temporária, com ofertas culturais para a comunidade – centro de artes e de exposições, *workshops* e uma casa de leitura com cafetaria –, um programa adaptado às necessidades do meio inserido.

A nova construção procura dialogar com a pré-existente, evidenciando como a sua forma e os seus novos elementos convivem com o presente e com o passado. São criados novos usos, que reflectem acerca do tipo de memória que vai persistir no

espaço e de que modo os resultados destes processos conseguem ir de encontro às aspirações de uma comunidade e constituir-se como parte do seu quotidiano.

Como tal, a comunidade revela-se vital para a construção da cidade e no espaço urbano, são visíveis lugares cujo significado é dado pelas memórias que transportam, memórias essas colectivas, que serão prolongadas para as gerações futuras.

O edifício é apenas um episódio que faz parte de uma narrativa, sempre ininterrupta. A cidade, quanto melhor compreender o seu passado, melhor resistirá no futuro.



Figura 32 | Organização interna

O conceito híbrido aplicado ao edifício caracteriza-se pelo conceito de mistura de funções e usos distintos.

Este conceito aplicado à arquitectura não tem uma definição clara. A vastidão do conceito permite que o próprio esteja relacionado com questões de natureza espacial, metodológica ou programática. É sobre a última questão que o projecto se inclina, onde o programa se distancia do convencional, tentando responder às solicitações do modo de vida contemporâneo.

A habitação temporária proposta não equivale a uma unidade hoteleira, nem a habitação de emergência. O conceito parte da casa de férias (ver subcapítulo 2.4), como habitação de condições básicas e mínimas para o utilizador. Existem quatro tipos de espaços habitacionais e consecutivamente as suas variações – três tipologias temporárias e uma de carácter permanente.

### 3.4 Estratégia e proposta de intervenção

Partindo das várias questões e problemáticas abordadas nos capítulos anteriores, referentes ao contexto da reabilitação e readaptação, tendo como instrumentos de trabalho a luz, a cor e a matéria, pretende-se a sua aplicação num caso particular no Largo do Intendente.

A reabilitação de um espaço esquecido pretende a reaproximação aos habitantes do bairro e dos seus visitantes, promovendo a própria interação entre eles. A memória do lugar vive-se das ruas e dos seus recantos. Um vazio urbano é uma oportunidade de reaproximação, de memória e de futuro, de novas ligações e de novos conhecimentos.

Apenas as fachadas são agora contempladas, descaracterizadas de função e de estética. O trabalho parte da essência que permanece – o azulejo, o alinhamento da fachada com os edifícios em redor e o vazio.

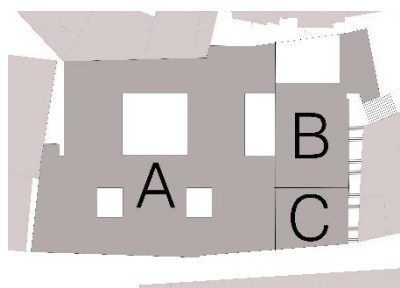


Figura 33 | Divisão do espaço

Nos documentos da pré-existência consegue-se visualizar 3 volumes – um volume de maior escala situado à esquerda, um de menor situado à direita e um outro no tardo do terreno que contemplava o logradouro. Após esta análise houve uma tentativa de permanência desta divisão, através de cotas distintas no interior e de ligação dos vãos pré-existentes aos vãos criados.

Consegue-se observar a diferença entre o antigo e o novo, em que o novo toca subtilmente no antigo com ligações metálicas para os vãos já existentes, deixando um espaço entre a antiga fachada e os novos pisos. Assim, a luz infiltra-se pelo edifício, mostrando

texturas nas paredes pré-existent e uma relação de continuidade vertical.

O volume total do edifício não ultrapassa substancialmente a altura dos edifícios adjacentes, mantendo-se a altura da pré-existência.

O saguão é um dos elementos essenciais e é entendido como um volume que perfura a massa, permitindo ao espaço iluminação natural, assim como ventilação. É também um elemento importante na organização dos espaços interiores das tipologias habitacionais e dos espaços públicos (Cafetaria, Casa de leitura, *workshops*, salas administrativas). É uma solução para edifícios de carácter profundo, que a pré-existência já considerava, conduzindo a uma hierarquia dos espaços e a uma relação luz-sombra no interior da edificação.

A concepção do projecto teve como base a articulação de vários vazios, desde o largo ao saguão privado, ou seja, caminhamos no sentido da privacidade. O Largo do Intendente é fundamental como elemento de comunicação entre os habitantes locais – local de encontro, lazer e de estar. É do Largo que se faz o principal acesso ao edifício e que se convida o visitante a entrar.

O interior do edifício contém um pátio central, de maior escala, com carácter público; dois saguões de carácter semi-privado e outros dois privados, de acesso exclusivo das habitações permanentes.

Juntamente com os pátios são associados sistemas de controlo de iluminação e de privacidade. Os sistemas são compostos por lâminas rotativas, que podem ser reguladas de acordo com a necessidade de cada utilizador. As lâminas são constituídas por ferro, utilizado nas caixilharias e por azulejos, que criam macro-padrões e reflectem a luz para o interior das divisões.



Figura 34 | Pátio Central



Figura 35 | Pátio Central

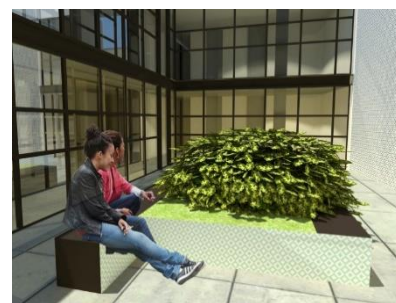


Figura 38 | Pátio Secundário



Figura 41 | Lâminas com azulejos



Figura 42 | Friso e azulejos de padrão



Figura 43 | Maquete de Lisboa de 1956-59, Luís Caetano de Carvalho



Figura 46 | Fachada Poente proposta, Largo do Intendente

As fachadas pré-existentes foram mantidas, reaproveitando o friso de azulejos situado no topo e os azulejos de padrão a Sul.

Após a análise de documentos e de uma maquete de Lisboa de 1956-59 da autoria de Luís Caetano de Carvalho, concluiu-se que o edifício era dividido em dois revestimentos – o edifício da direita revestido a azulejos de padrão que ainda permanecem e o edifício da esquerda a azulejos de cor azul.

*“Glazed tiles play a distinct role in colour perception due to their specific visual stimuli: in an urban scale the first impression will be to understand its colour as a uniform veil. At certain distance we don’t perceive its tactile qualities, patterns or tile dimensions but we can detect a specific quality that differentiates itself from other surfaces that surround it: how it receives, reflects or transports light.”<sup>59</sup>*

A união, gradação entre cores e a reinterpretação dos azulejos existentes, foi a base para o revestimento do alçado, assim como de revestimentos pontuais no interior. A fachada foi totalmente revestida por azulejos, que variam entre as cores existentes do azulejo de padrão (S 7020-Y90R, S 2010-Y50R, S 1502-Y50R), do friso no topo (S 2040-R80B e S4040-R80B) e de um novo azul, que retrata a cor outrora existente na fachada, transportando-a para o contemporâneo (S 1040-R90B).



Figura 47 | Código NCS - Cores

<sup>59</sup> “Os azulejos desempenham um papel distinto na percepção da cor devido aos seus estímulos visuais específicos: numa escala urbana a primeira impressão será entender a sua cor como um véu uniforme. A uma certa distância não percebemos as suas qualidades tácteis, padrões ou dimensões de azulejos, mas conseguimos detectar uma qualidade específica que se diferencia de outras superfícies que a rodeiam: como recebe, reflete ou transporta a luz.”- Tradução livre da autora Lobo, Carla; Pernão, João (2010) Glazed Tiles as na Improving Element for Environmental Quality in Urban Landscape. FAUTL, pág. 1 [Internet] Disponível em <<http://aic-colour-journal.org/index.php/JAIC/article/view/17>> [Consultado em 8 de Setembro 2015]



Como referência, analisou-se o painel de Chermayeff no Oceanário de Lisboa, em que a composição feita a partir de azulejos pixelizados, apenas em duas cores, forma uma imagem. Esta leitura é feita pela mudança da distância do observador, assim como o seu ângulo de visão.

No caso do projecto do Intendente, partiu-se do azulejo existente, com os castanhos predominantes e introduziu-se o azul, em mais quatro modelos reinventados. Lendo da direita para a esquerda, a fachada tem gradação de castanho para azul, resultando numa mistura óptica.

Fazendo uma leitura mais aproximada, o azulejo padrão que parte de um reticulado diagonal, “perde linhas”, chegando ao losango base na fachada mais à esquerda, assim como a sua cor castanha.

O azulejo vai distinguir-se da cantaria pelo seu brilho e pela sua cor. As âncoras do edifício são dadas pela pedra calcária – guarnição da porta (S 2005-Y40R), do cunhal e do soco de acabamento bujardado (S 1005-Y20R).

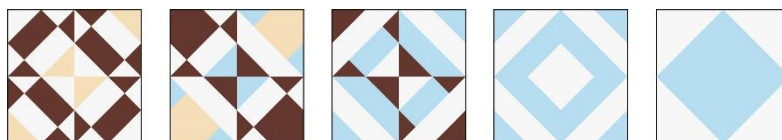


Figura 49 | Do azulejo pré-existente aos azulejos reinventados

#### 3.4.1 De recepção a Centro de Artes | Deambulando entre exposições

O acesso principal ao edifício realiza-se directamente para o Centro de Artes pelo Largo do Intendente. Em vez da típica recepção de hotel, pretendeu-se criar um espaço acolhedor e de descoberta tanto para as pessoas da comunidade, como para os visitantes. É um espaço dinâmico, pronto a receber exposições temporárias, em que a disposição dos expositores é mutável. A luz



Figura 48 | Painel de Azulejos, Oceanário de Lisboa, Ivan Chermayeff



Figura 50 | Deambulando entre exposições



Figura 51 | Escadas de acesso ao piso 1



Figura 54 | Espaço expositivo e zona de estar

artificial é pontual e feita através de luminárias com LED rectangulares.

Ao entrar deparamo-nos com um painel de azulejos curvo, que reflecte a luz do exterior e esconde as escadas que levam para o piso seguinte, destinado a *workshops*, eventos locais, reuniões.

O painel é cortado na vertical pontualmente para que no interior das escadas, surja a dinâmica exterior.

O material do pavimento, a betonilha afagada, contrasta com as pedras calcárias nas guarnições das portas, assim como a pedra calcária de moleanos polida na transição entre o exterior e o interior.

Neste piso encontram-se ainda as funções administrativas, a lavandaria do hotel e uma lavandaria comunitária, com ligação ao exterior e o acesso ao estacionamento.

### 3.4.2 As Habitações

As habitações temporárias distribuem-se por dois pisos, em que num dos pisos algumas habitações são duplex.

Em todas as tipologias habitacionais existe um espaço de trabalho, capaz de se transformar em *atelier* ou escritório, se assim o necessitar. Esta solução foi pensada devido a três factores: novos hábitos familiares, económicos e a mobilidade. As famílias são mais pequenas, surgem novos negócios e empresas geridas a partir de casa e uma maior mobilidade, trabalhando cada dia num “canto do mundo”.



Figura 55 | Tipologia C+1; zona de dormir

Os compartimentos de dormir foram pensados a partir da referência da Casa de Caminha, de Sérgio Fernandez, em que a casa de férias é um ponto de partida essencial. As casas de férias possuem o mínimo e, de facto, a função temporária de habitar. Os quartos *alcovas* foram pensados como elementos de “encaixe”, com estruturas leves e desmontáveis, que no futuro podem ser retirados, dando lugar a novas funções.

As tipologias habitacionais subdividem-se em quatro – três temporárias e uma de permanência.



A tipologia A corresponde a uma estadia temporária, que usufrui de um espaço de dormir, um espaço de trabalho e dois espaços de higiene – sanitário e duche, que poderá ser utilizado por uma só pessoa ou por um casal.

A tipologia A+1 é semelhante à tipologia A, com o acrescento de área e de poder ser usufruído por duas pessoas.

A tipologia B é de estadia temporária, mas com a possibilidade de trabalho no piso inferior, pois comporta dois pisos. Tem uma segunda opção de trabalho, transformando-se totalmente em *atelier*. Contém um espaço de trabalho, 3 espaços de higiene – 2 sanitários e um duche-, dois espaços de arrumação e dois espaços de dormir/estar. Pode ser utilizado por uma ou duas pessoas.

A tipologia B+1 é semelhante à tipologia B, aumentada na sua área e no número de ocupantes, passando de dois a quatro.

A tipologia C é de carácter permanente, ou por outras palavras, de estadia prolongada. Contém dois espaços de dormir/trabalho, um de estar/lazer, um de comer e três de higiene – sanitário, duche e lavatório. É servido por um saguão comum com outra tipologia semelhante. Alberga de duas pessoas a dois casais.

A tipologia C+1 é idêntica à tipologia C, com a excepção de ser duplex, albergando de quatro a seis pessoas.

A tipologia Residência é a excepção do projecto. Tem como função albergar um grupo de estudantes ou de artistas de uma forma temporária, ou seja, é uma residência dentro de uma residência. Este espaço tem capacidade para um máximo de dezasseis pessoas, distribuindo-se por dois pisos de quartos e um que contém espaços de trabalho, convívio, cozinha e higiene.

O interior da residência sai para o exterior, ultrapassando a fachada actual, com ligações metálicas.

É de referir, também, que existem espaços comuns às habitações, tais como cozinhas, salas de refeições e salas de convívio, em ambos os pisos de habitação.



Figura 56 | Tipologia A+1



Figura 57 | Tipologia B



Figura 58 | Tipologia C



Figura 59 | Tipologia C+1



Figura 60 | Lavandaria self-service

Os espaços de tratamento de roupa são comuns a todos os residentes e encontram-se ambos no primeiro piso – um de tratamento privado e outro público, *self-service*.

Em todos os quartos, os materiais utilizados passam pelo mosaico hidráulico de cor lisa, o reboco pintado das cores base do edifício, a madeira de casquinha, o ferro cinza escuro da caixilharia e o azulejo, o protagonista do projecto, com padrões reinventados.

### 3.4.3 A Casa de Leitura | Lendo entre o exterior e o interior

Este espaço não foi escolhido ao acaso. A leitura foi durante muitos anos um meio de recordar, de imaginar e de transporte para outros mundos, inclusive da memória. A vinda das novas tecnologias afastou o desfolhar de um livro, mas também o hábito da própria leitura.

A função é sem dúvida a reaproximação, contando com novos espaços e interligando outros que possam trazer novas dinâmicas.

A Casa de Leitura possui uma sala infantil/juvenil, com um anfiteatro para projecções, duas salas de consulta/estudo, dois espaços de estar, uma cafetaria e um espaço de estar exterior.

A ligação da cafetaria ao espaço de leitura pode mudar a vivência do espaço. O utilizador pode ler sem ser num espaço totalmente silenciado ou sem vista. Poderá pegar no seu livro e deambular pelo espaço que mais lhe agradar, desde os espaços encerrados, considerados de estudo, aos abertos para o exterior, em que o barulho da cidade se faz ouvir, ou até na cafetaria.

Pretende-se que estes espaços estejam abertos à comunidade, focando-se mais na faixa etária jovem/estudantes.



Figura 61 | Sala infantil

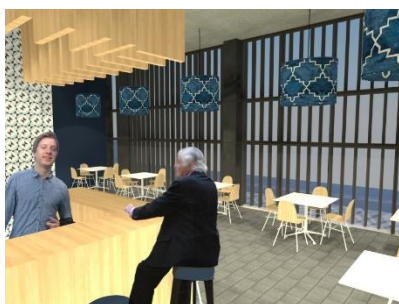


Figura 62 | Cafetaria

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



*“Quando olhamos na palma da nossa mão um fragmento de  
parede, fazemos um duplo encontro de arqueologia e memória.*

*De arqueologia enquanto parte retirada duma existência, de  
memória enquanto registo imaginado dum conjunto.”<sup>60</sup>*

---

<sup>60</sup> Rogério Ribeiro in Lisboa, C.M., *A Cor de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos, Amigos de Lisboa, 1993, p.9



Os espaços do projecto proposto para o Largo do Intendente foram pensados e entendidos a partir de uma característica – a comunidade. A integração de programas híbridos ou de apoio à comunidade abre os braços a todos os habitantes, temporários ou de permanência, integrando a revitalização no local e quebrando barreiras. O *Hotel Comunitário* proposto tenta colmatar os problemas mencionados, sendo a habitação temporária relacionada com a habitação permanente. Esta dinâmica foi conseguida através de novos usos e funcionalidades, tais como a Casa de Leitura e o Centro de Artes, aproximando a população local e os visitantes.

A função habitar do projecto não pretendeu seguir os padrões convencionais de hotel, integrando espaços de trabalho em cada habitação, independentemente desta ser de carácter temporário ou permanente. A integração deste espaço deixa uma escolha livre do utilizador, em relação à conversão da casa a *atelier*, ou de ambas as funções em simultâneo.

A luz, a cor e a materialidade foram fundamentais para o estudo realizado e são elementos essenciais na dinâmica da arquitectura. A cor foi utilizada como forma de memória, tendo como referência as cores pré-existentes do edifício, nomeadamente nos azulejos que ainda permanecem, refletidos nos espaços criados e nos azulejos reinventados para o projecto.

Enquanto material icónico da cultura portuguesa, o azulejo contém valores simbólicos e culturais, permitindo ao indivíduo encontrar elementos que lhe são afeitos. Constituem assim símbolos que possibilitam o desenvolvimento de relações entre o meio e a pessoa que percorre o espaço. A sua riqueza enquanto material de revestimento, devido ao brilho e à cor, conferem-lhe qualidades expressivas e comunicativas com os sentidos, assim como o seu destaque em relação a superfícies pintadas ou rebocadas. Permite, ao olhar, deambular e apreciar as paredes, permitindo ao observador encontrar singularidades. A cor, o padrão e a textura foram utilizadas como ferramentas para alterar a percepção do objecto, dando vida à superfície, criando efeitos

ópticos e de interesse visual, conforme a distância do observador em relação ao edifício.

O pátio e o saguão foram invocados neste estudo pelos seus valores como espaços exteriores privados, de articulação com os espaços interiores. Os espaços do projecto vão-se desvendando graças à luz que descobre os espaços mais profundos do edifício. A articulação de vários vazios, através da sua dimensão e forma, faz com que se caminhe no sentido da privacidade, ou seja, o Largo do Intendente recebe o habitante e o saguão privado da habitação conforta-o.

A luz invocada no projecto está relacionada com os pátios/saguões e com o sistema de lâminas proposto, constituído num dos lados por azulejos. A estratégia adoptada resolve problemas de privacidade, sombreamento e de iluminação, para além da dinâmica criada com o macro-padrão resultante do conjunto das lâminas.

A preservação da fachada é uma solução do projecto, evocando a memória do local e dos habitantes, assim como a sua relação de alinhamento com os edifícios ao redor. Uma outra estratégia do projecto foi a clara distinção do antigo com o novo, afastando subtilmente os espaços criados da fachada existente, revelando a sua textura.

Através do Projecto Final de Mestrado considera-se ter-se exemplificado como a revitalização do edifício pode preservar memórias colectivas e a própria memória do lugar, formalizando-as num espaço que consegue a reaproximação da comunidade, através de novos usos, novas funcionalidades e novas memórias.

## 5. BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS



*“A qualidade arquitectónica – para mim – não significa  
aparecer nos guias arquitectónicos ou na história da arquitectura  
ou ser publicado etc... Qualidade arquitectónica só pode significar  
que sou tocado por uma obra.”<sup>61</sup>*

---

<sup>61</sup> Zumthor, P., *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006, p.11





## Monografias

- Aguiar, J. (2003). *Planear e Projectar a Conservação da Cor na Cidade Histórica: experiências havidas e problemas que subsistem*. Lisboa: LNEC.
- Aguiar, J. (2005). *A Cor e a Cidade Histórica: Estudos Cromáticos e Conservação do Património*. Porto: Publicações FAUP.
- Albers, J. (1975). *Interaction of Color*. New Haven and London: Yale University Press.
- Baeza, A. (2011). *Pensar com as Mãos*. Editora Caleidoscópio.
- Bergson, H. (2006). *Matéria e Memória*. Editora Martins Fontes.
- Câmara, M. (2007). *Azulejaria do século XVIII: Espaço Lúdico e Decoração na Arquitectura Civil de Lisboa*. Porto: Civilização Editora.
- Choay, F. (1992). *A Alegoria do Património*. Coimbra: Edições 70, 2010.
- Choay, F. (2009). *As questões do Património: Antologia para um combate*. Coimbra: Edições 70.
- Cullen, G. (1983). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.
- Gage, J. (2002). *Colour and Meaning: Art, Science and Symbolism*. London: Thames and Hudson.
- Gracia, F. (2001). *Construir en lo construido*. Madrid: Nerea Editorial.
- Itten, J. (2002). *The Art of Color*. New York, Toronto: John Wiley and Sons, Inc.
- Lancaster, M. (1996). *Colourscape*. London: Academy Editions.
- Lisboa, C.M. (1993). *A Cor de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos, Amigos de Lisboa.
- Lynch, K. (1982). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Mahnke, F. (1996). *Color, Environment and Human Response*. New York: John Wiley and Sons.
- Nery, Eduardo. (1987). *A Cor de Lisboa. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Neves, E. (1950). *Do Sítio do Intendente*. Lisboa: Amigos de Lisboa.
- Pallasma, J. (2005). *Os Olhos da Pele: A Arquitectura e os Sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

- Pastoureau, M. (1997). *Dicionário das cores do Nosso Tempo*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Pinto, L. (1994). *Azulejo e Arquitectura: ensaio de um arquitecto*. Lisboa: Banco Nacional de Crédito Imobiliário.
- Portas, N. (1968). *A Cidade como Arquitectura*. Lisboa: Escola Superior de Belas Artes.
- Portas, N. (1983). *Conservar Renovando ou Recuperar Revitalizando*. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro.
- Rossi, A. (1966). *A Arquitectura da Cidade*. 2ª Ed. Lisboa: Edições Cosmos, 2001.
- Tavares, M.; Valverde, I. *A cor na imagem urbana portuguesa*. Lisboa: Estar Editora
- Trienal de Arquitectura de Lisboa. (2007) *Vazios Urbanos*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Veleiro, T. (1991). *El Color en Arquitectura*. Coruña: Edicións do Castro.
- Zevi, B. (1977). *Saber Ver a Arquitectura*. Lisboa: Editora Arcádia.
- Zumthor, P. (2004). *Pensar la Arquitectura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Zumthor, P. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili.

#### Artigos de Publicações Periódicas

- Aguiar, J. (1995). Dificuldades na conservação e reabilitação do património urbano português. *Revista de Estudos urbanos e regionais – (Sub)Urbanismos e Modos de vida*, nº21, Março, pp. 24 – 33.
- Aguiar, J. (2002). A cor escondida das cidades históricas portuguesas e o caso do Palácio de Queluz. *Cadernos Edifícios*, nº2, Outubro, Lisboa, LNEC.
- Lacerda, M. (2006). A Arquitectura como guardiã da memória. *Estudos Património*, Nº9.

#### Teses, dissertações e provas académicas

- Antunes, M. S. C. (2012). *O Comunitário e a Reabilitação Urbana: Centro de Proximidade de Belém*. Lisboa: FAUTL. Dissertação de Mestrado.
- Chagas, D. (2010). *Cor e Conservação: As Intervenções Cromáticas no Terreiro do Paço*. Lisboa: FAUTL. Dissertação de Mestrado.

- Costa, J. M. A. (1999). *Estudos cromáticos nas intervenções de conservação em centros históricos*. Évora: Universidade de Évora. Tese de Doutoramento.
- Ferreira, C. M. (2006). *Matéria, Brilho e Cor: Características do Azulejo e sua importância na percepção espacial: Para uma reabilitação do azulejo como elemento qualificador do espaço público urbano*. Lisboa: FAUTL. Dissertação de Mestrado em Cor na Arquitectura.
- Fonseca, R. (2014). *Tensão Interior e Exterior: Regeneração a partir de um vazio*. Lisboa: FAUTL. Dissertação de Mestrado.
- Galvão, I. F. (2013). *Diálogo entre memória e Contemporaneidade: Uma Proposta de Reconversão do Convento e Fábrica de São Paulo, em Vila Viçosa, num Centro de Artes, Cultura e Residência para Artistas*. Lisboa: FAUTL. Dissertação de Mestrado.
- Loução, D. (1992). *Cor: Natureza, Ordem, Percepção*. Lisboa: FAUTL. Tese de Doutoramento.
- Marcelo, I. C. (2013). *A Reabilitação da Memória da Cidade – Novos usos, novos fluxos. O Caso do Hospital do Desterro*. Lisboa: FAUTL. Dissertação de Mestrado.
- Pernão, J. (2012). *A Cor como Forma do Espaço Definida no Tempo: princípios estéticos e metodológicos para o estudo e aplicação da cor em arquitectura e nas artes*. Lisboa: FAUTL. Tese de Doutoramento.
- Pinhal, Â. (2008). *Cor e Arquitectura*. Coimbra: FCT. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.
- Pinheiro, M. C. (2005). *A gestão da cor na habitação social – Lisboa séc. XXI*. Lisboa: FAUTL. Dissertação de Mestrado.
- Pinto, I. A. (2012). *Habitação responsiva – uma abordagem alternativa à problemática da pré-determinação funcional moderna na habitação colectiva contemporânea*. Lisboa: FAUTL. Dissertação de Mestrado.
- Pires, F. P. (2000). *Para uma leitura da Arquitectura Doméstica Temporária – uma investigação sobre a produção de uma tipologia habitativa no século XIX português, em Lisboa – o Hotel Avenida Palace*. Lisboa: FAUTL. Dissertação de Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos.
- Ramalho, A. R. (2013). *A Casa e o Método: Concepções de Vivência e Identidade*. Lisboa: FAUTL. Dissertação de Mestrado.
- Reis, N. M. A. (2009). *O Saguão na Habitação Urbana: O interior da casa em torno de um vazio nuclear*. Lisboa: FAUTL. Tese de Doutoramento.
- Sá, R. M. (2012). *Diálogos entre a História e a Contemporaneidade – A Expansão da Biblioteca de Belém*. Lisboa: FAUTL. Dissertação de Mestrado.

## Documentos electrónicos e sites

- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-i.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-ii.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iii.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-iv.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-v.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-vi.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/05/largo-do-intendente-pina-manique-vii.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/06/largo-do-intendente-pina-manique-viii.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/06/largo-do-intendente-pina-manique-x.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/05/rua-do-benformoso-i.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/05/rua-do-benformoso-ii.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/05/rua-do-benformoso-iii.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]
- <http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2015/05/rua-do-benformoso-iv.html> [consult. a 22 de Agosto de 2015]

- <http://www.estamo.pt/files/intendente.pdf> [consultado a 22 de Agosto de 2015]
- Lobo, C, Pernão, J. (2010) Glazed Tiles as an Improving Element for Environmental Quality in Urban Landscape. FAUTL. [Internet] Disponível em <<http://aic-colour-journal.org/index.php/JAIC/article/view/17>> [Consultado em 8 de Setembro de 2015]

## Filmes

- Lisbon Story, Wim Wenders, 1994



## 6. ANEXOS







## 6.1 Referências



Figura 69 | Painel de Azulejos, Oceanário de Lisboa, Ivan Chermayeff



Figura 66 | Casa de Caminha, Sérgio Fernandez

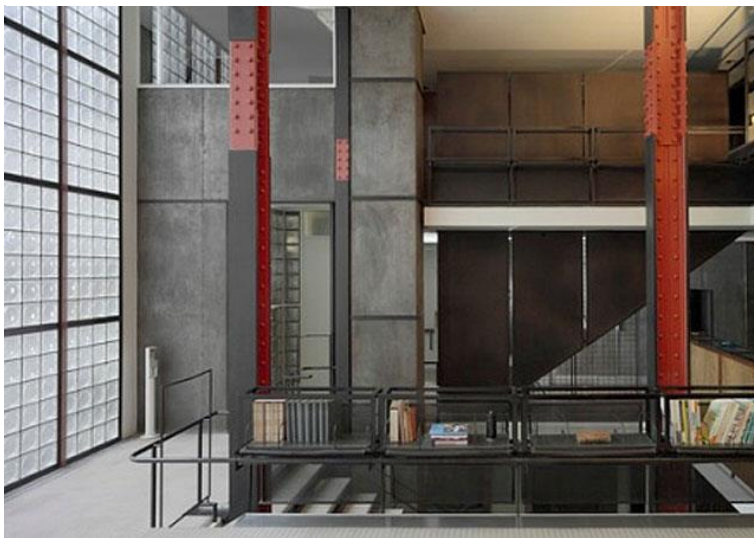


Figura 63 | Casa de Vidro, Pierre Charreau, 1932



Figura 70 | Livraria Cultural, Marcio Kogan

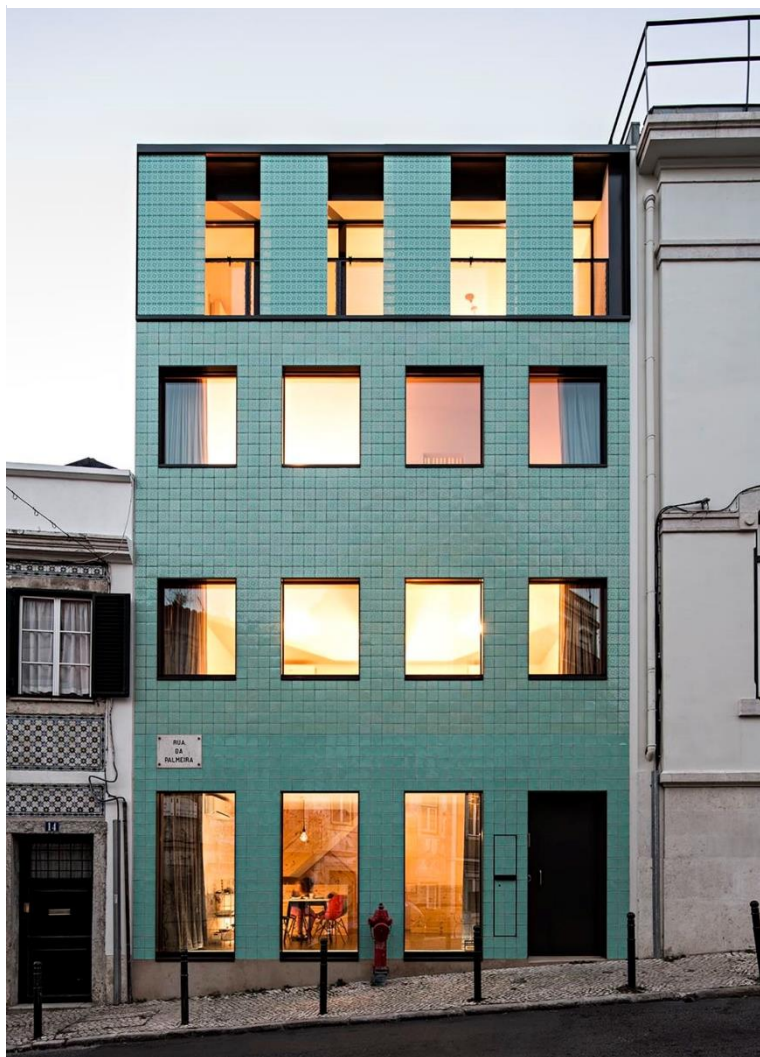


Figura 71 | Casa no Príncipe Real, Camarim



## 6.2 Estudo Prévio

### 6.2.1 Desenhos Técnicos da pré-existência

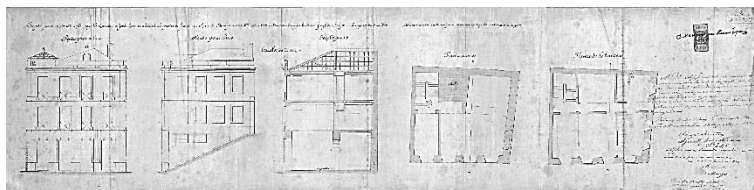


Figura 74 | Rua do Benfornoso nº278 a 282 e Escadinhas das Olarias, 1879

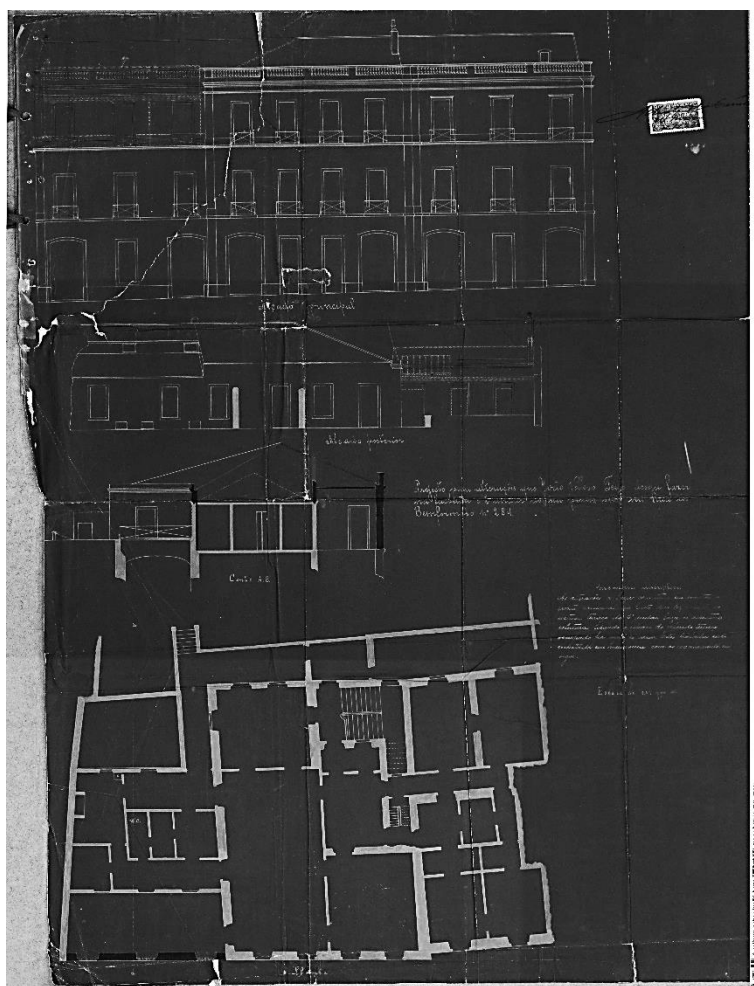


Figura 75 | Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58

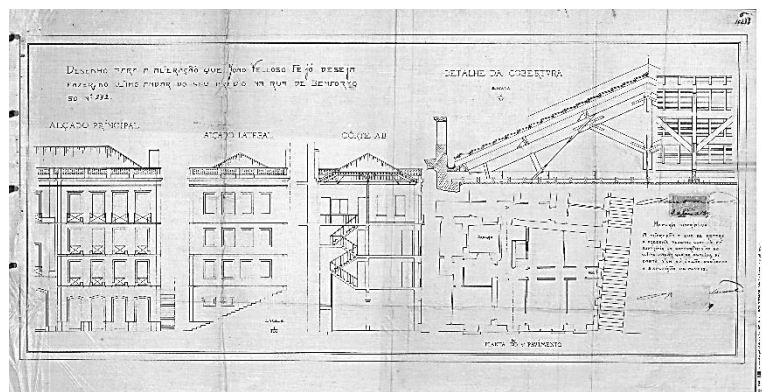


Figura 76 | Rua do Benfornoso nº278 a 282 e Escadinhas das Olarias, 1918

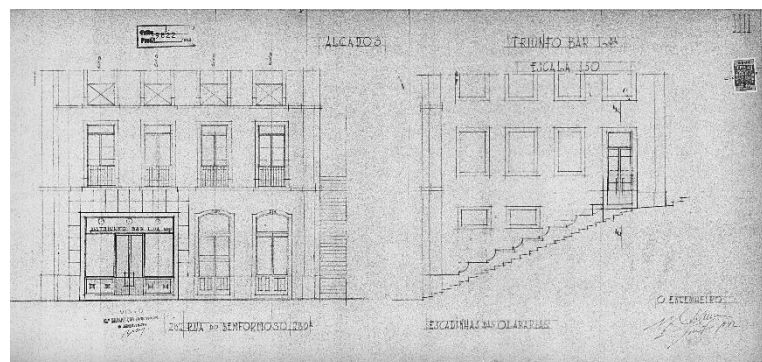


Figura 77 | Triunfo Bar, 1942

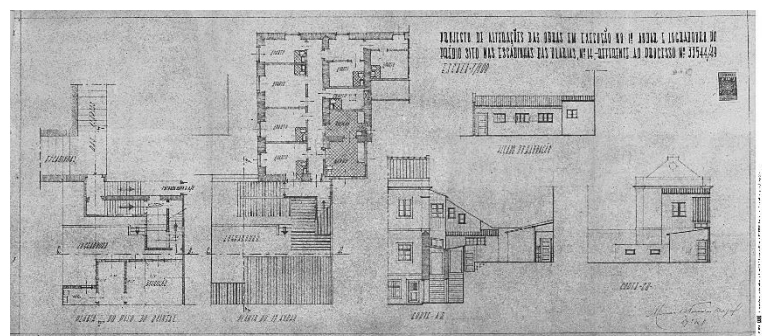


Figura 78 | Barracão e Logradouro, 1950

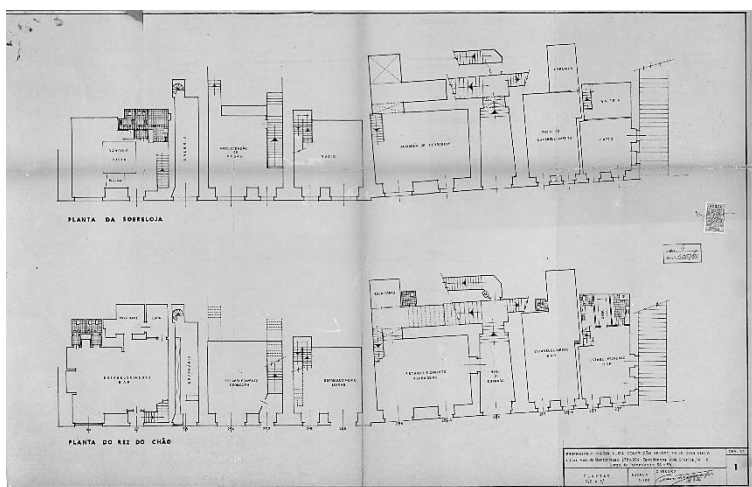


Figura 81 | Plantas Edifício Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58, 1981

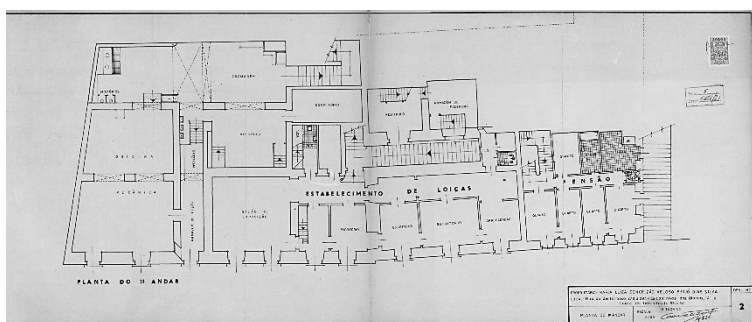


Figura 80 | Plantas Edifício Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58, 1981

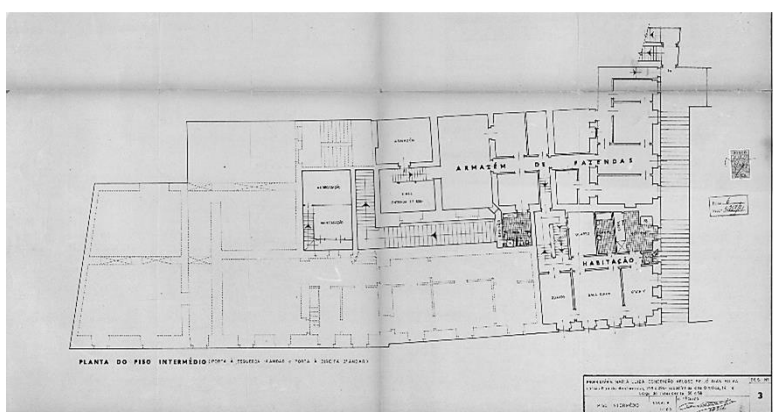


Figura 79 | Plantas Edifício Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58, 1981



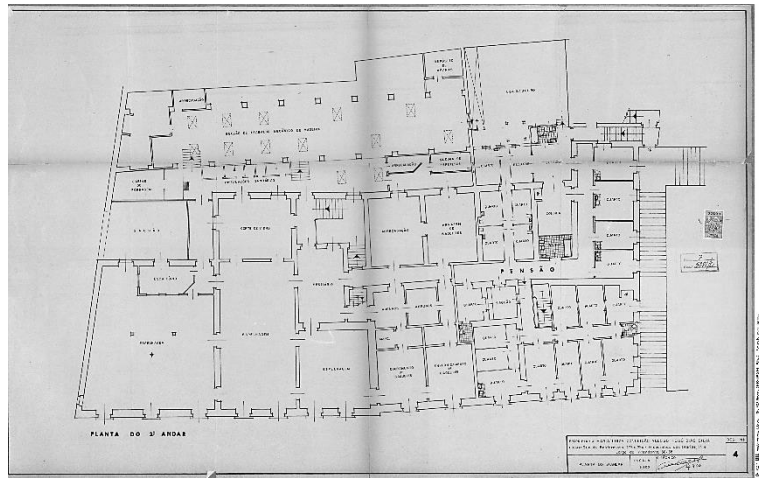


Figura 82 | Plantas Edifício Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58, 1981

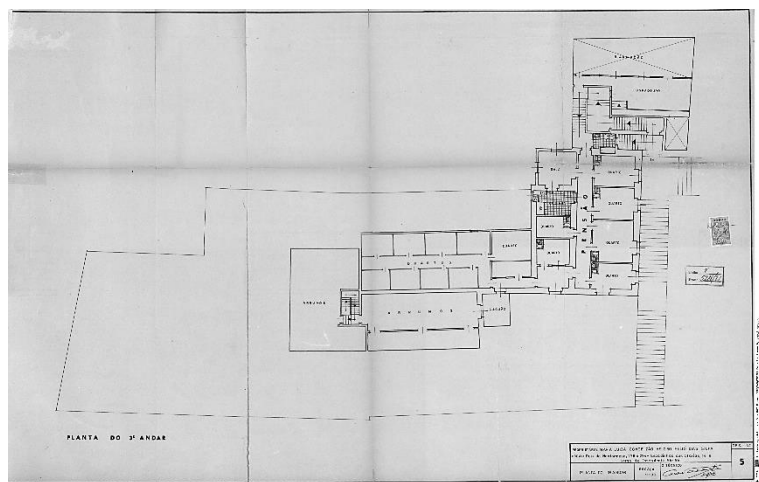


Figura 83 | Plantas Edifício Rua do Benfornoso nº 284 a 294 e Largo do Intendente nº 56 a 58, 1981

## 6.2.2 Levantamento de Cor do Largo do Intendente



Figura 84 | Pavimento calcário do Largo

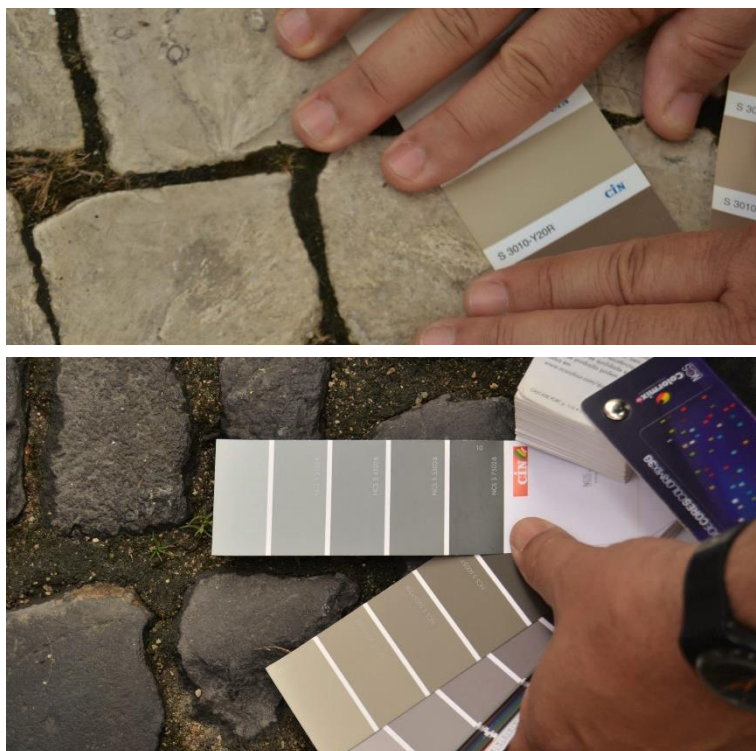
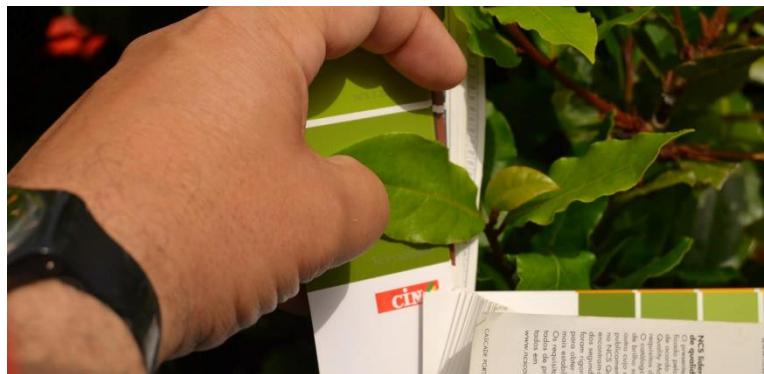


Figura 85 | Pavimento em lioz e basalto



Mobiliário Urbano e Vegetação (louro)



Figura 86 | Mobiliário Urbano e Vegetação do Largo





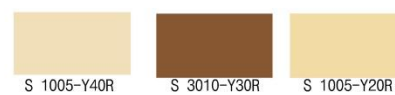
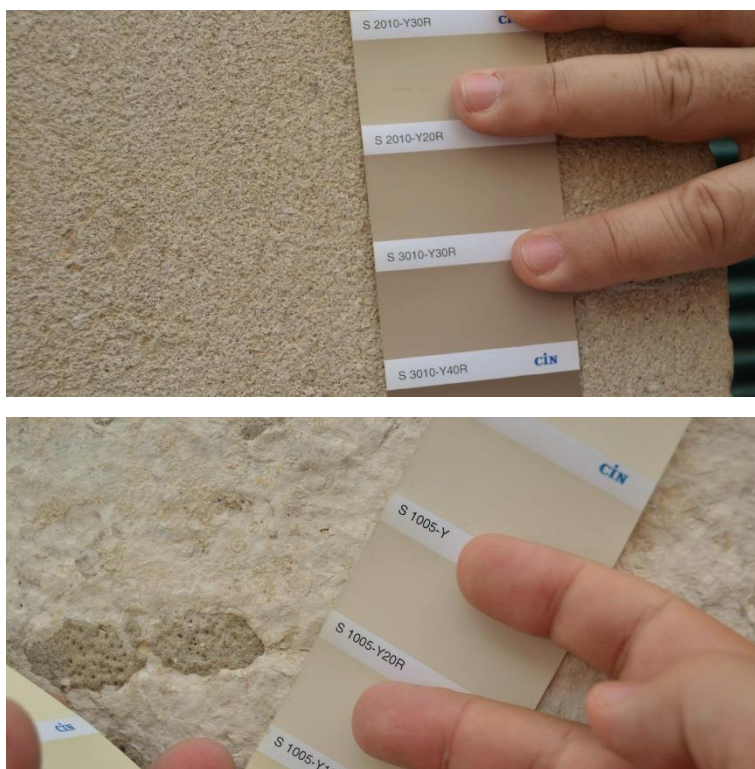


Figura 87 | Guarnição da porta, soco e  
cunhal da pré-existência

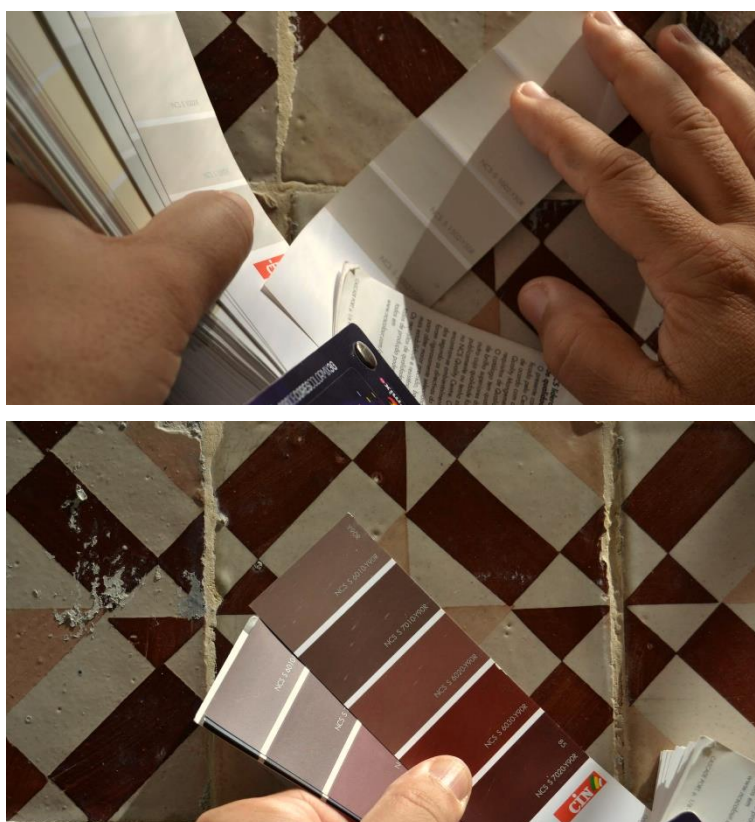


Figura 88 | Azulejo pré-existência



S 2040-R80B  S 4040-R80B 

Figura 89 | Friso de azulejos da pré-existência



### 6.2.3 Levantamento de padrões de azulejo na área envolvente ao local de intervenção



Figura 90 | Largo do Intendente, nº19



Figura 91 | Largo do Intendente, nº24 e 26



Figura 92 | Largo do Intendente, nº28





Figura 93 | Travessa do Cidadão João  
Gonçalves, nº5 a 13



Figura 94 | Travessa do Cidadão João  
Gonçalves, nº 14

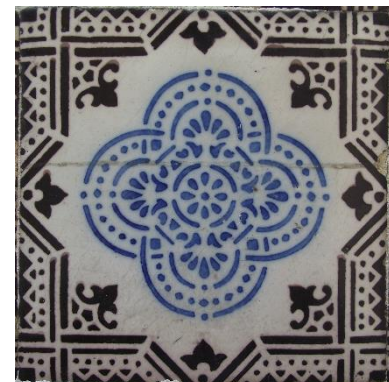


Figura 96 | Travessa do Maldonado,  
nº22A



Figura 95 | Travessa do Maldonado, nº  
16

Figura 97 | Rua das Olarias, nº55

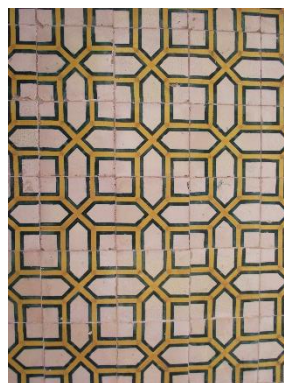


Figura 98 | Rua do Benfornoso, nº 112



Figura 99 | Travessa do Benfornoso, nº8



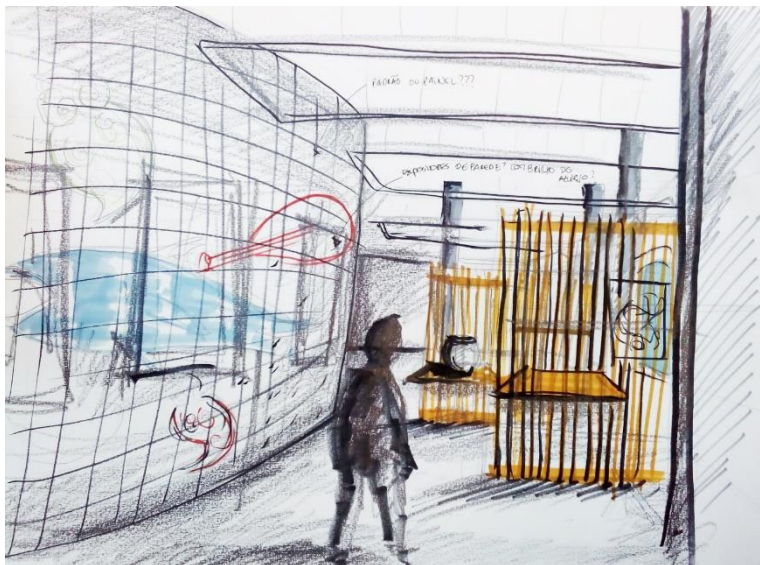
Figura 100 | Travessa do Benfornoso, nº 288





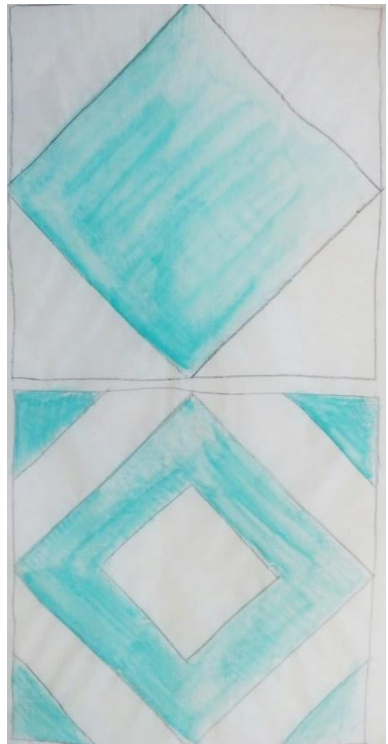
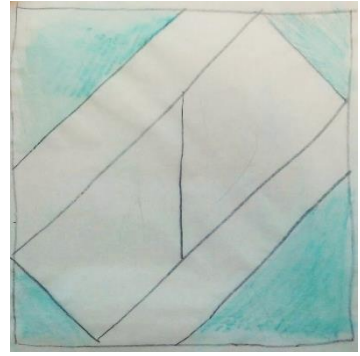
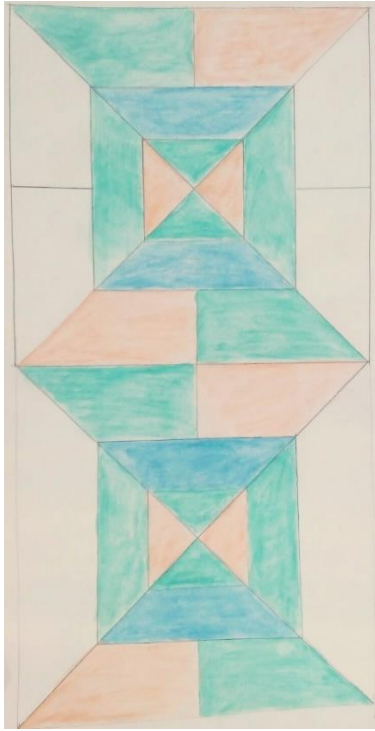
### 6.3 Processo de trabalho





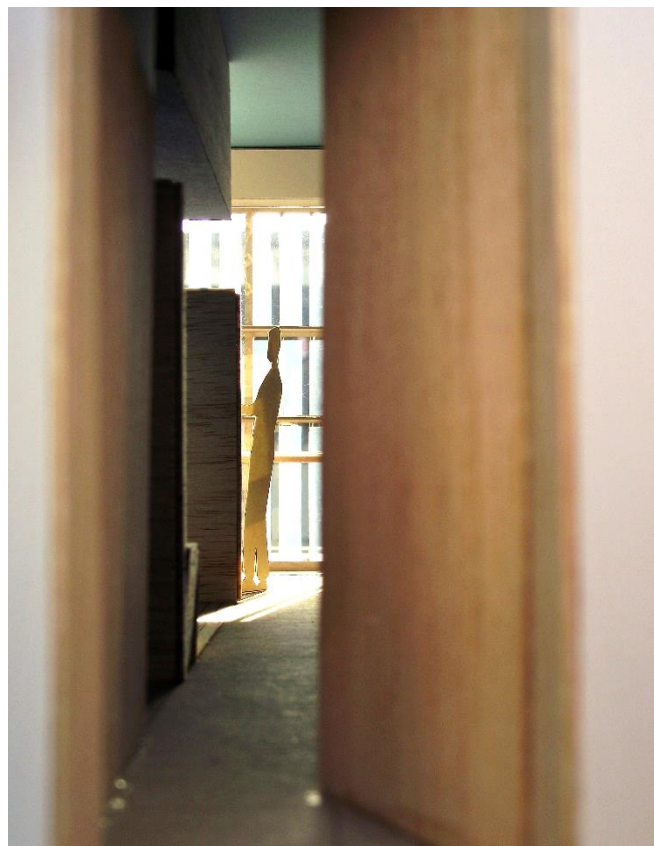
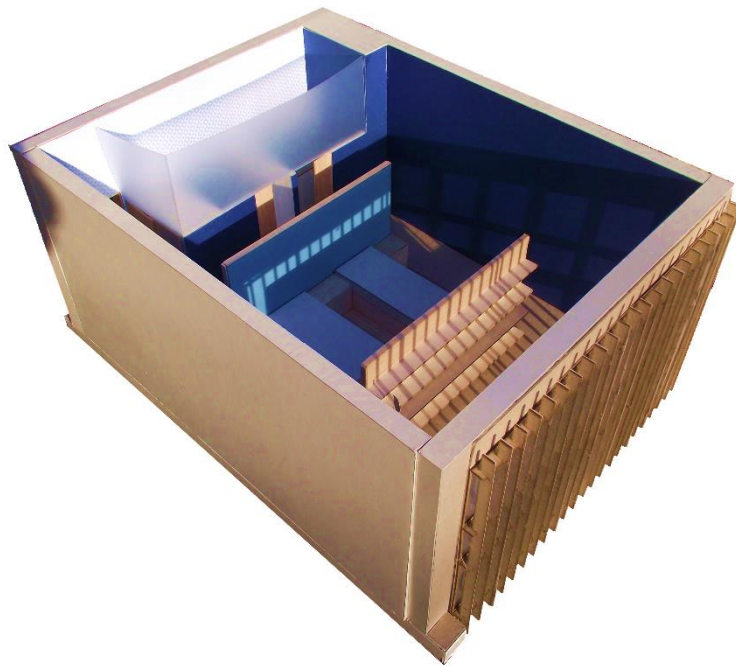


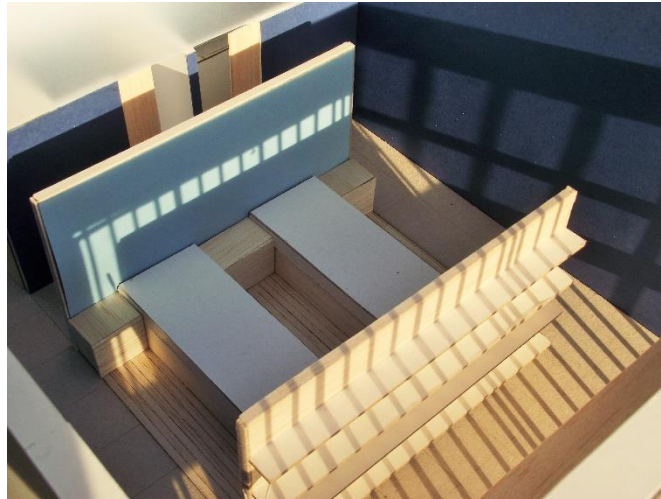




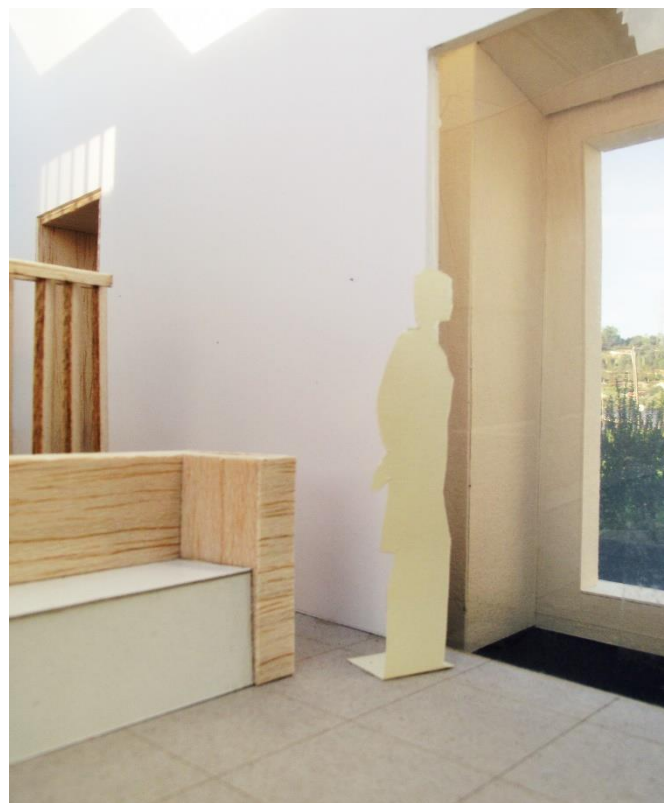


## 6.4 Maquetes





Maquete | Habitação Temporária A+1

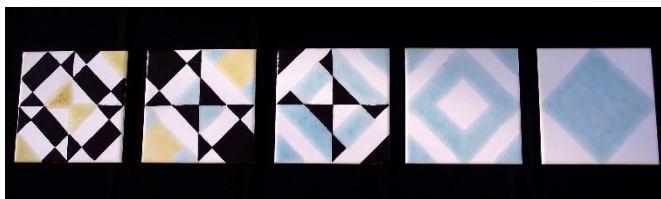


Maquete | Habitação Temporária C+1





Maquete geral



Azulejo pré-existente e azulejos reinventados

## **6.5 Painéis finais de apresentação**

"É na medida em que a Arquitectura capta e preserva esta relação sagrada que apela à nossa mais séria reflexão. Podemos viver sem ela, podemos adorar sem ela, mas sem ela não podemos recordar."  
John Ruskin, 2009



1. Centro Cultural | Palácio Champalimaud



2. Espaço verde | Beco do Monte



3. Hotel Comunitário | Largo do Intendente



4. Centro de dia para idosos | Rua dos Lagares

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO URBANA  
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO | ESCALA 1:1000



Largo do Intendente, actualmente



Pavimento | Lioz e Basalto



NCS S 7502-B NCS S 2005-Y40R NCS 4502-Y



Pavimento | Calcário



NCS S 2010-Y60R NCS S 2020-Y70R NCS S 3010-Y70R



Pavimento | Calcário



NCS S 3010-Y10R NCS S 0502-R50B



Mobiliário urbano e Vegetação (louro)



NCS S 4050-G50Y NCS S 5040-G50Y NCS S 1080-Y90R

As várias sobreposições de camadas de tempo são um factor relevante para a representação formal da cidade e tornam-se mais importantes, quando estas não são substituídas no momento em que surgem novos elementos, ou seja, quando a memória não é descartada e permanece.

LARGO DO INTENDENTE - CORES E TEXTURAS  
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO | ESCALA 1:200





Propõe-se um espaço híbrido com funções de habitação temporária, com ofertas culturais para a comunidade – centro de artes e de exposições, workshops e uma casa de leitura com cafeteria –, um programa adaptado às necessidades do meio inserido.



| Cafeteria |



| Cafeteria |



| Casa de Leitura | Sala infantil |



| Casa de Leitura | Sala infantil |



| Quarto | Tipologia A+1 |



| Quarto | Tipologia C |



| Centro de Artes | Pátio |



| Centro de Artes | Zona expositiva |

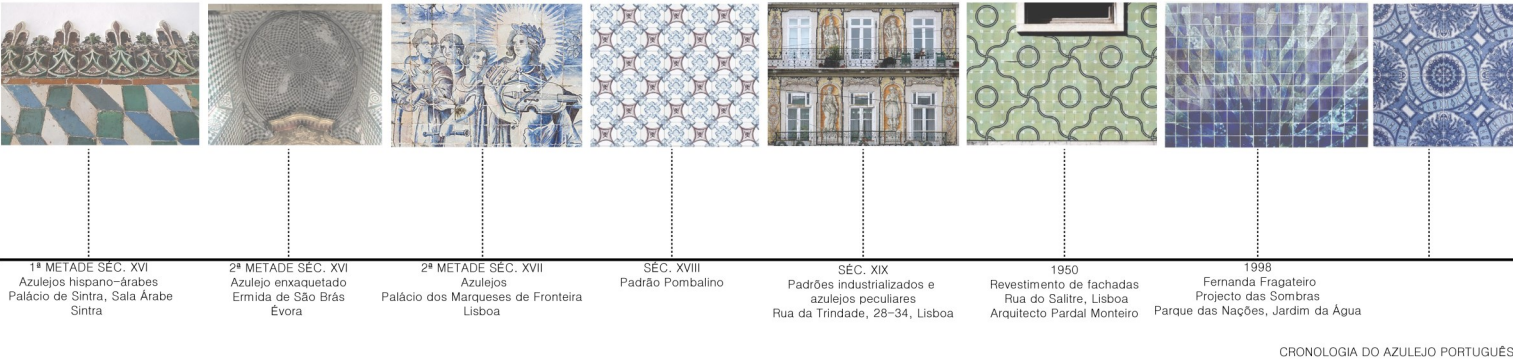


| Centro de Artes | Sala Multifuncional |



| Lavandaria Self-service |

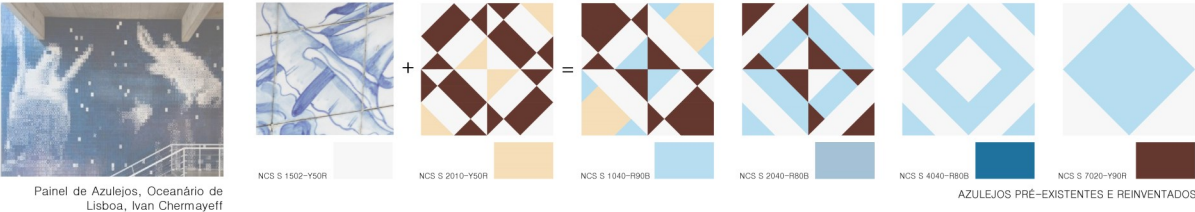




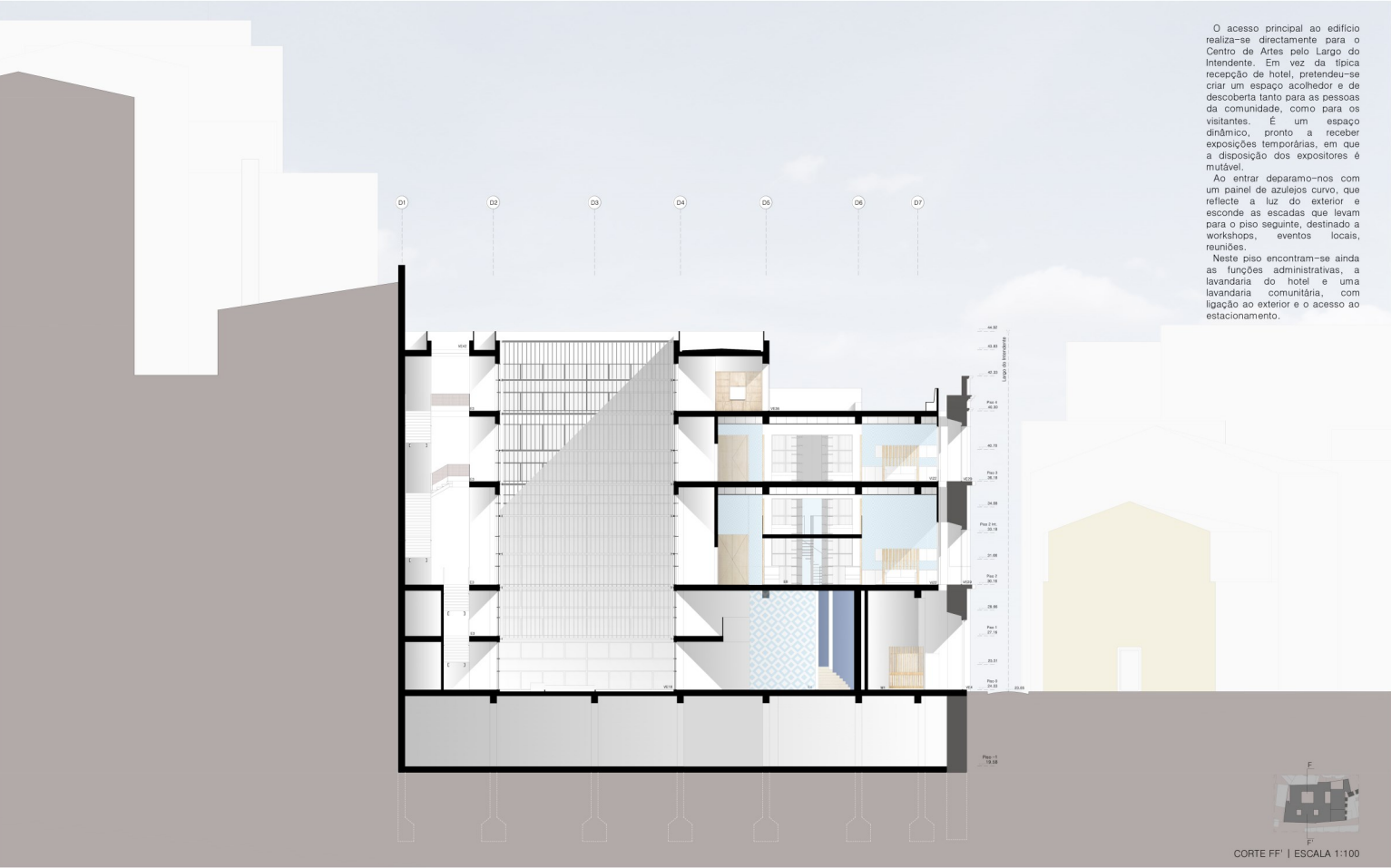
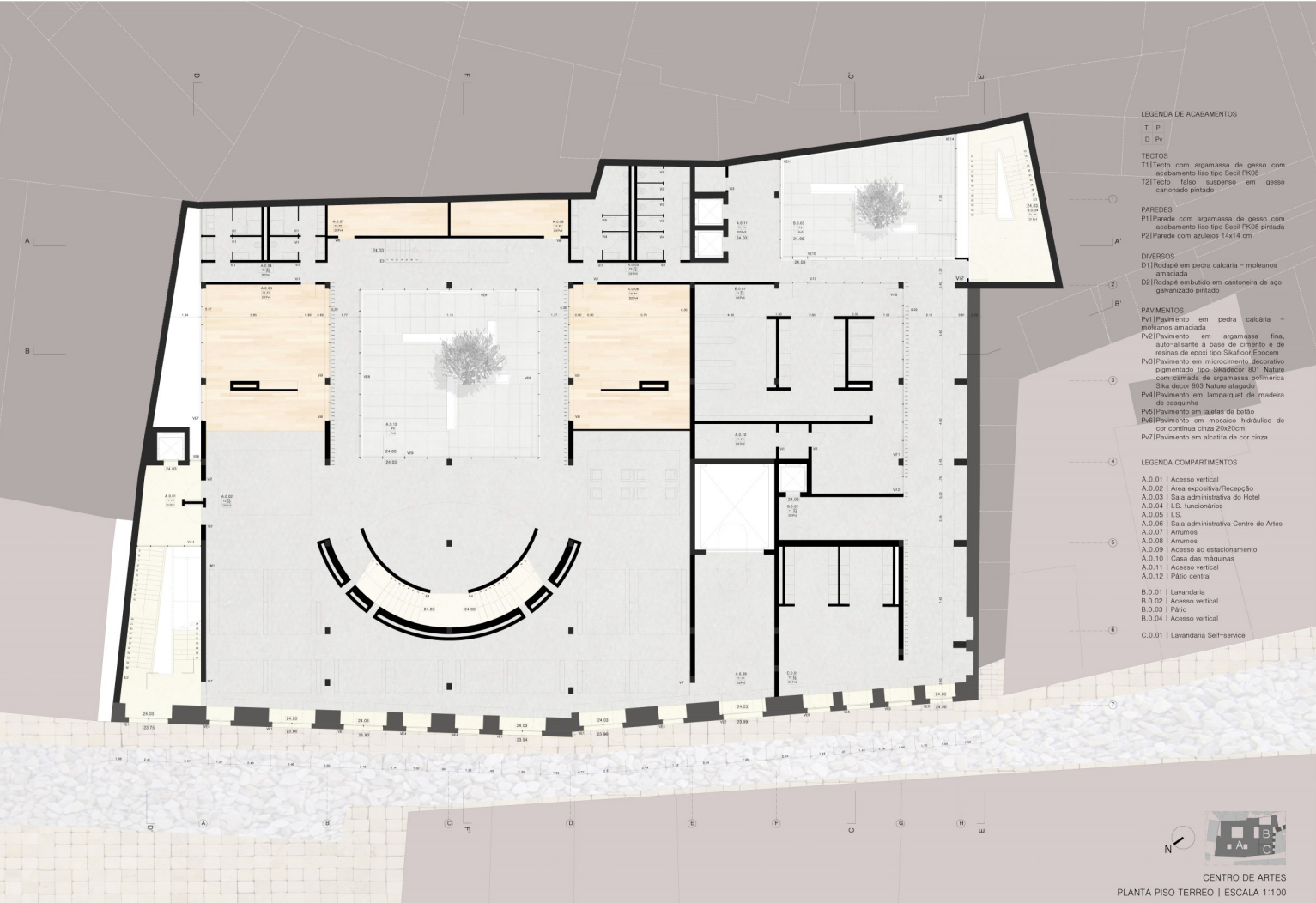
Como referência, analisou-se o painel de Chermayeff no Oceanário de Lisboa, em que a composição feita a partir de azulejos pixelizados, apenas em duas cores, forma uma imagem. Esta leitura é feita pela mudança da distância do observador, assim como o seu ângulo de visão.

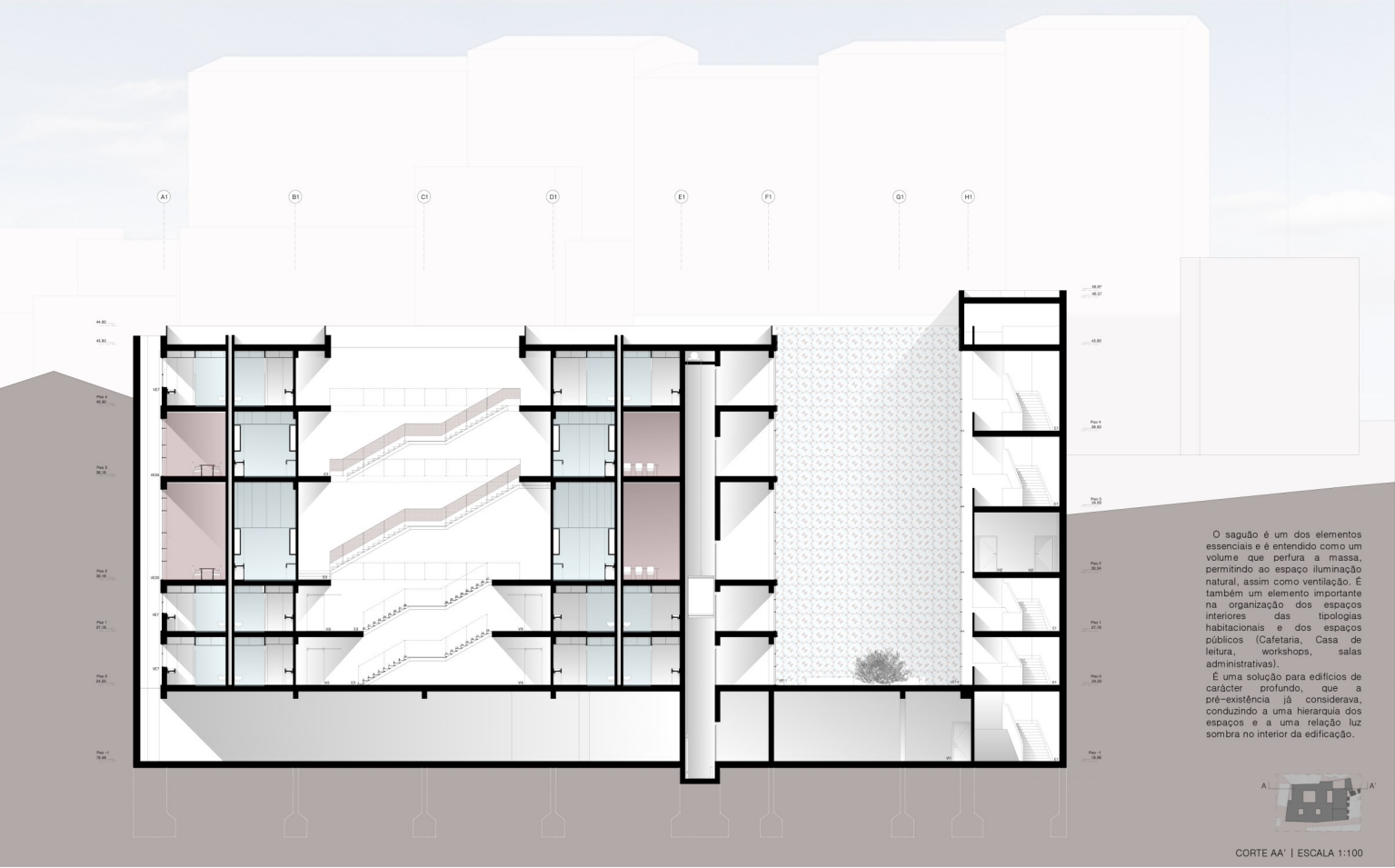
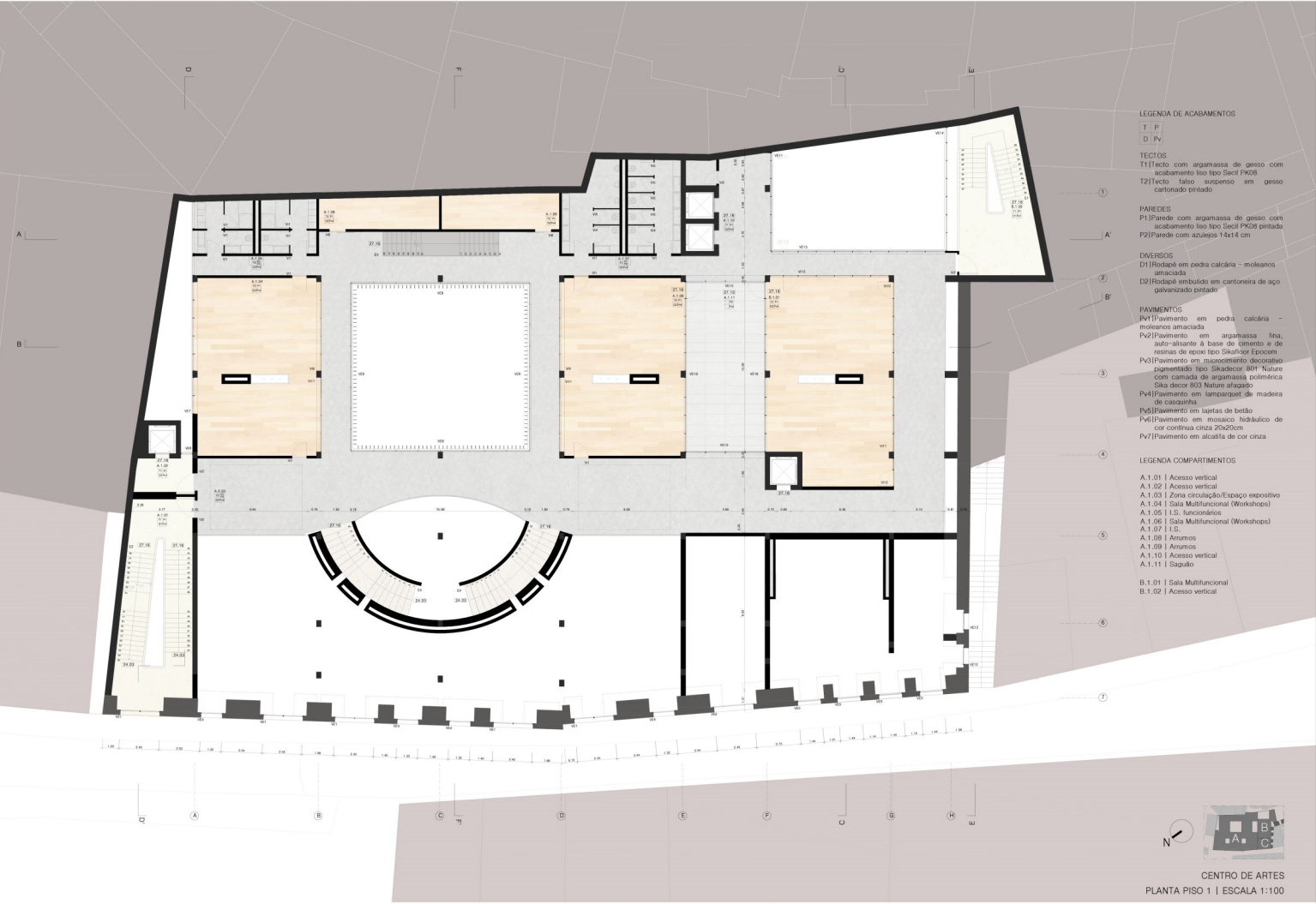
No caso do projecto do Intendente, partiu-se do azulejo existente, com os castanhos predominantes e introduziu-se o azul, em mais quatro modelos reinventados. Lendo da direita para a esquerda, a fachada tem gradação de castanho para azul, resultando numa mistura óptica.

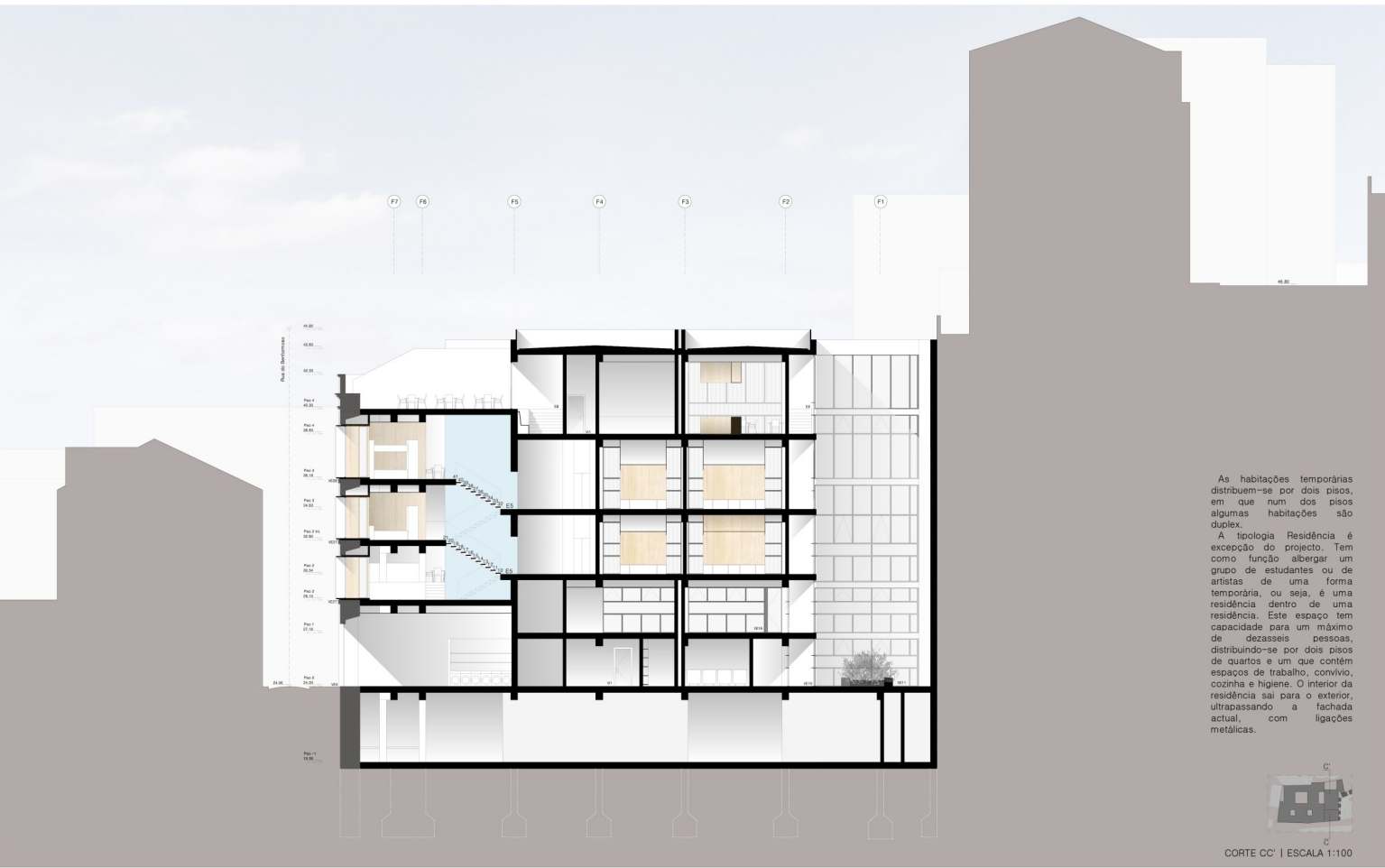
Fazendo uma leitura mais aproximada, o azulejo padrão que parte de um reticulado diagonal, "perde linhas", chegando ao losango base na fachada mais à esquerda, assim como a sua cor castanha.











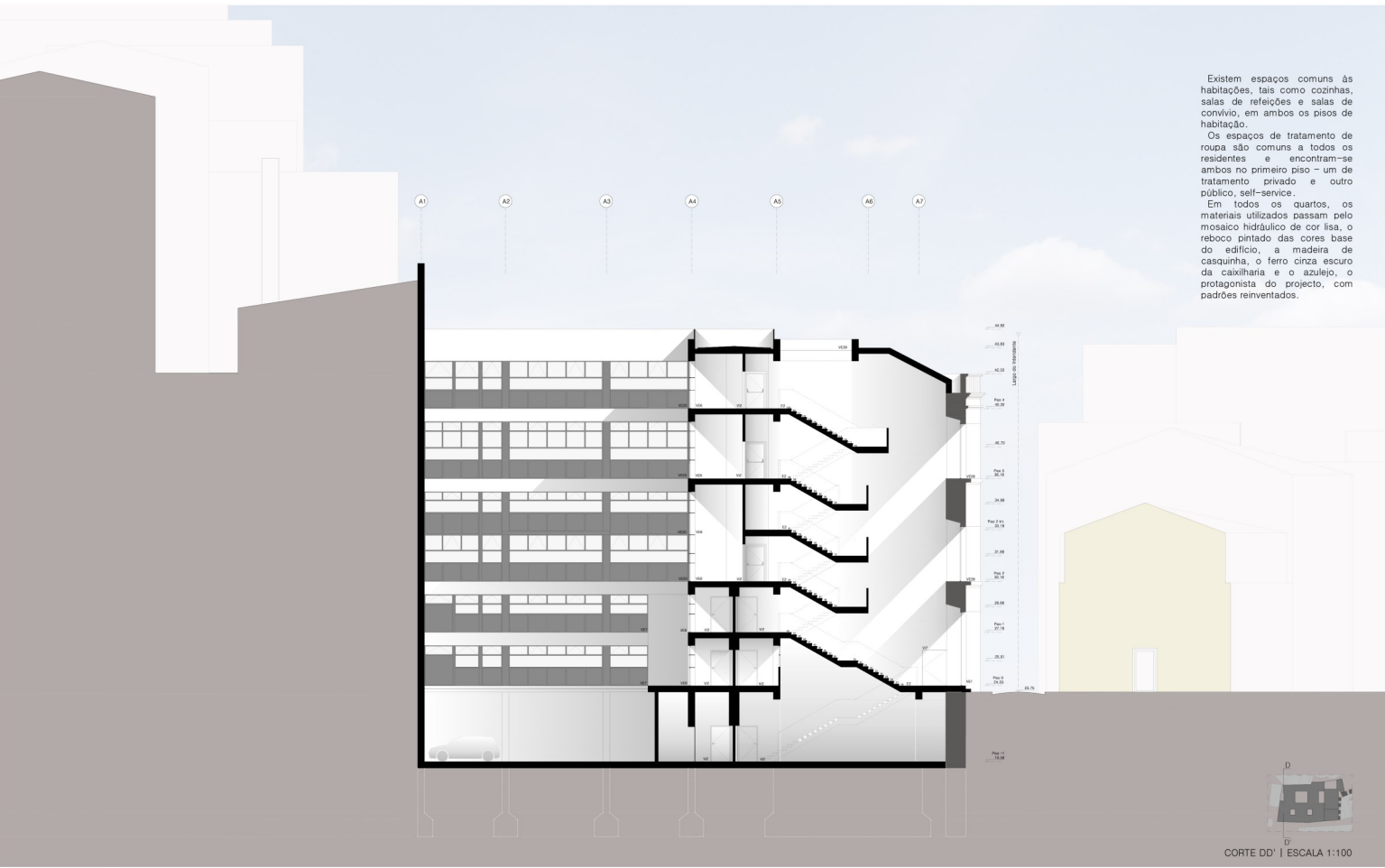
As habitações temporárias distribuem-se por dois pisos, em que num dos pisos algumas habitações são duplex.

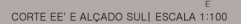
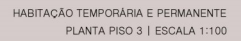
A tipologia Residência é excepção do projecto. Tem como função albergar um grupo de estudantes ou de artistas de uma forma temporária, ou seja, é uma residência dentro de uma residência. Este espaço tem capacidade para um máximo de dezasseis pessoas, distribuindo-se por dois pisos de quartos e um que contém espaços de trabalho, convívio, cozinha e higiene. O interior da residência sai para o exterior, ultrapassando a fachada actual, com ligações metálicas.

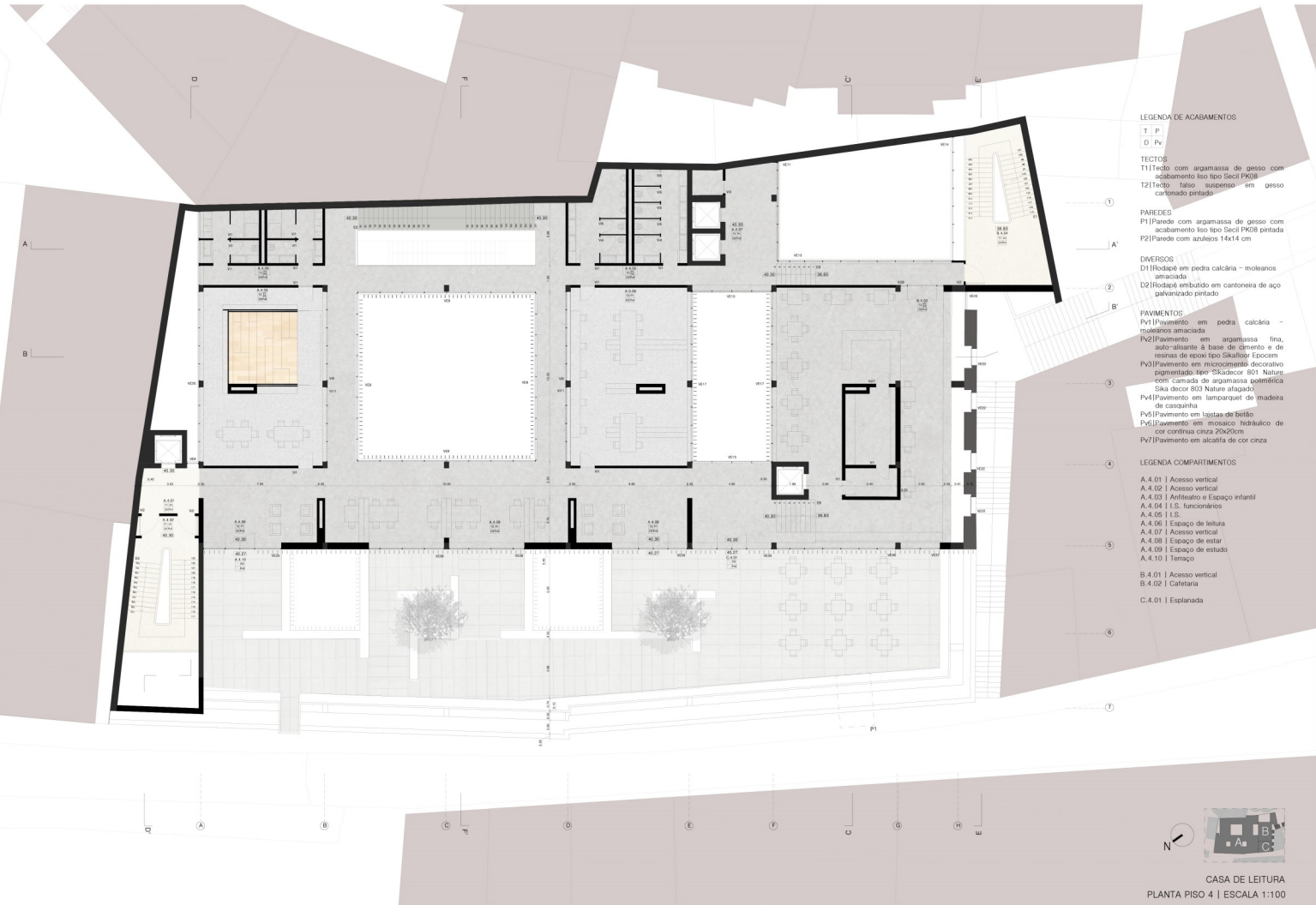


CORTE CC' | ESCALA 1:100

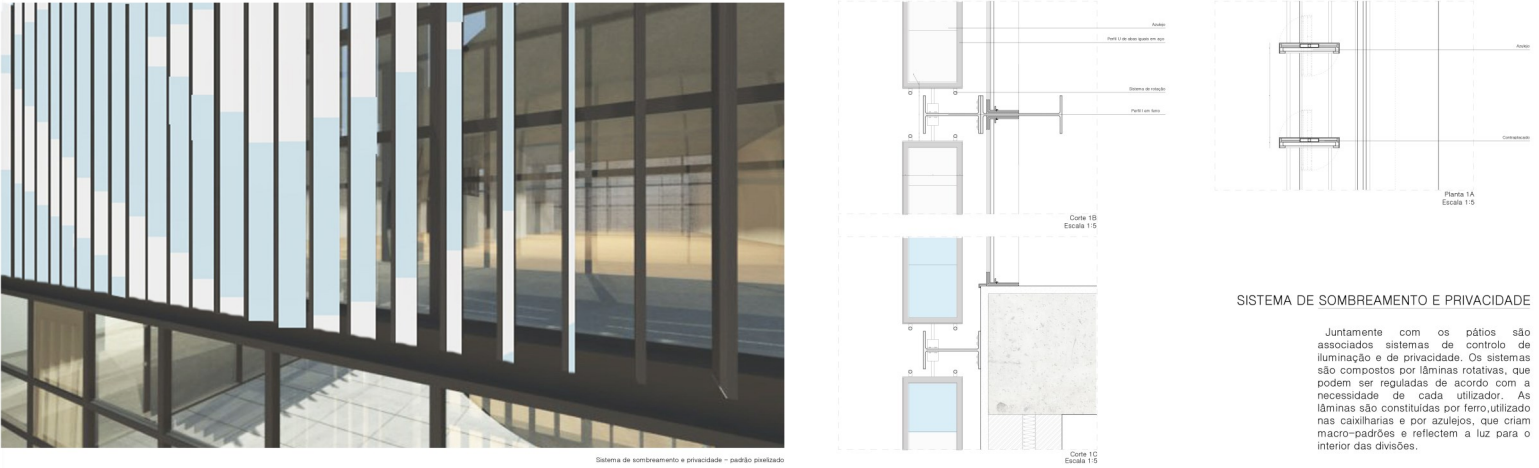
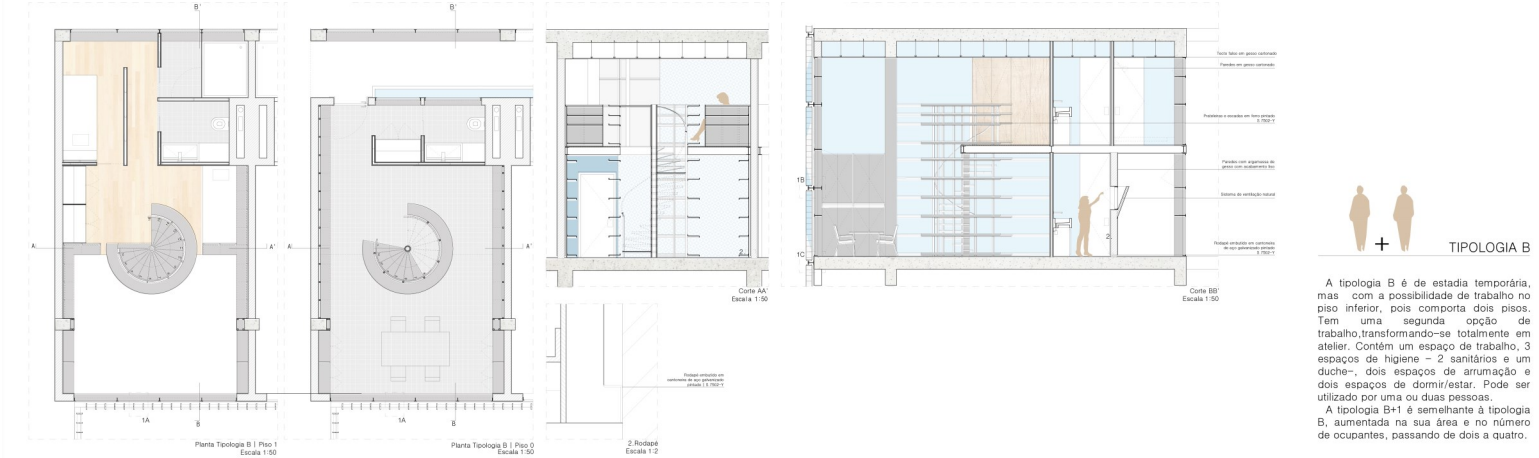
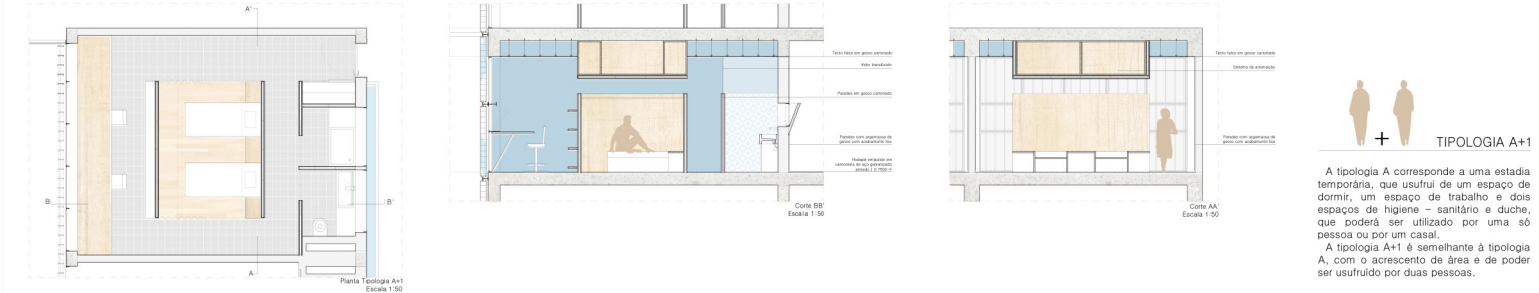




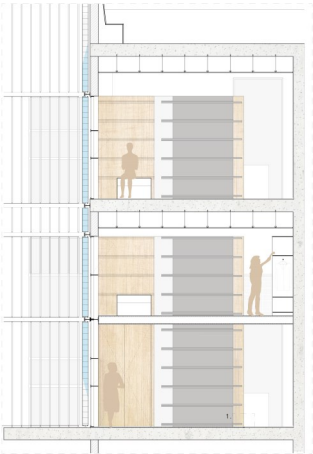












Corte AA | Tipologia C  
Escala 1:50

Corte AA | Tipologia Cx1  
Escala 1:50

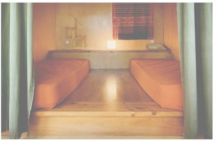


Corte BB | Tipologia C  
Escala 1:50

Corte BB | Tipologia Cx1  
Escala 1:50

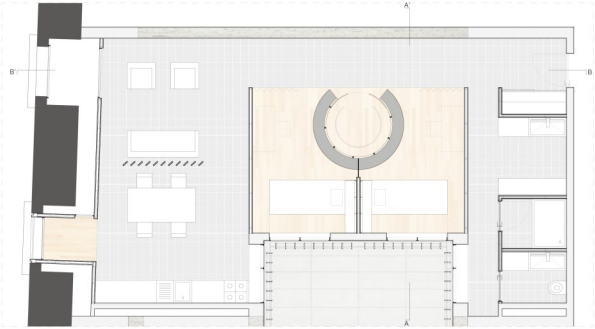


1. Formar transição material no pavimento  
Escala 1:2



Casa de Caminha, Sérgio Fernandez

Os compartimentos de dormir foram pensados a partir da referência da Casa de Caminha, de Sérgio Fernandez, em que a casa de férias é um ponto de partida essencial. As casas de férias possuem o mínimo e, de facto, a função temporária de habitar. Os quartos alcovas foram pensados como elementos de "encaixe", com estruturas leves e desmontáveis, que no futuro podem ser retirados, dando lugar a novas funções.



Planta | Tipologia C  
Escala 1:50



Perspectiva Tipologia C



TIPOLOGIA C

A tipologia C é de carácter permanente, ou por outras palavras, de estadia prolongada. Contém dois espaços de dormir/trabalho, um de estar/lazer, um de comer e três de higiene – sanitário, duche e lavatório. É servido por um saguão comum com outra tipologia semelhante. Alberga de duas pessoas a dois casais.



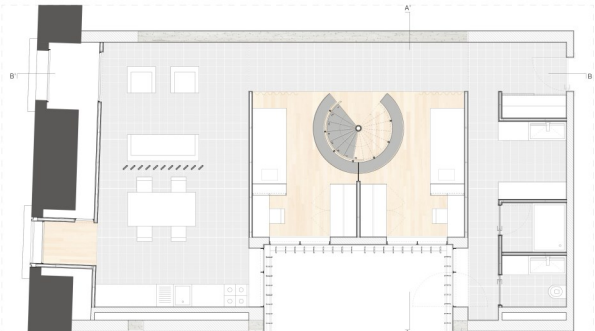
Espaço de estar e de refeição | Tipologia C



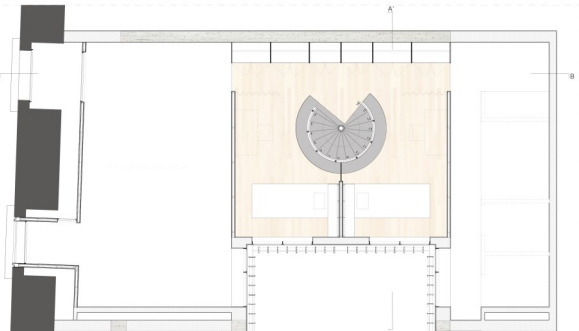
Quarto e arrumação | Tipologia C



Espaço de refeição | Tipologia C



Planta Piso 0 | Tipologia Cx1  
Escala 1:50



Planta Piso 1 | Tipologia Cx1  
Escala 1:50



TIPOLOGIA Cx1

A tipologia Cx1 é idêntica à tipologia C, com a excepção de ser duplex, albergando de quatro a seis pessoas.



Espaço de refeição e estar | Tipologia Cx1

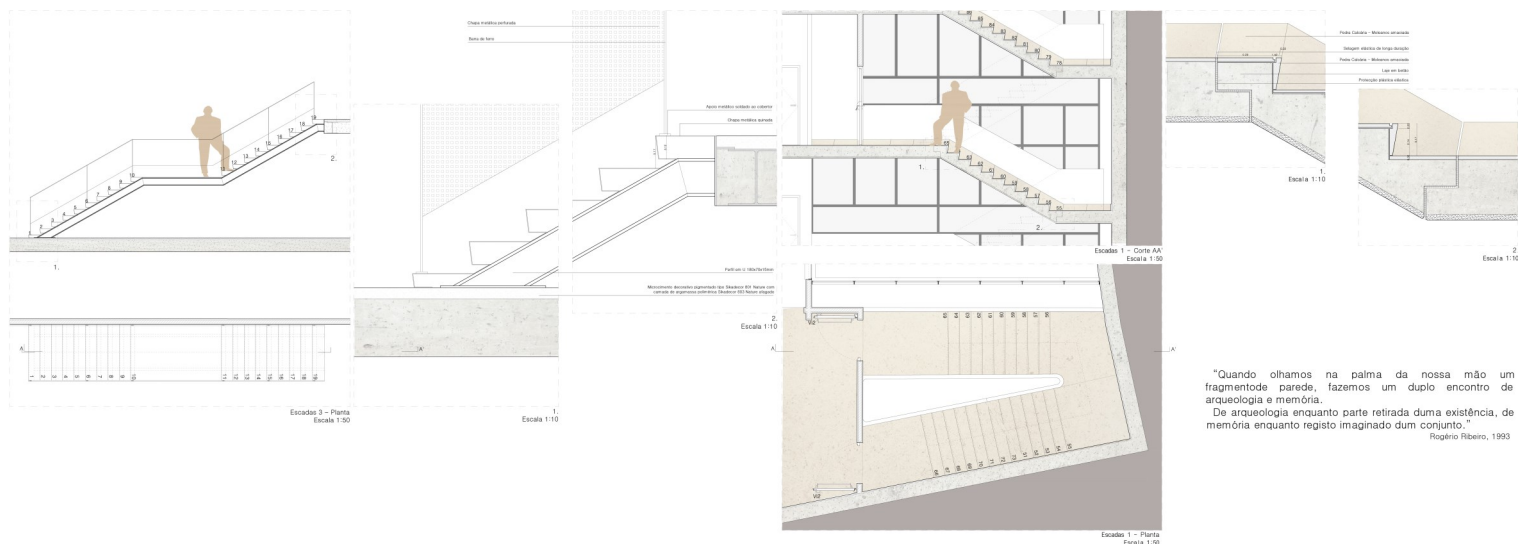


Quartos e acesso vertical | Tipologia Cx1



Zona de circulação | Tipologia Cx1





"Quando olhamos na palma da nossa mão um fragmentado parede, fazemos um duplo encontro de arqueologia e memória. De arqueologia enquanto parte retirada duma existência, de memória enquanto registo imaginado dum conjunto."

Rogério Ribeiro, 1993



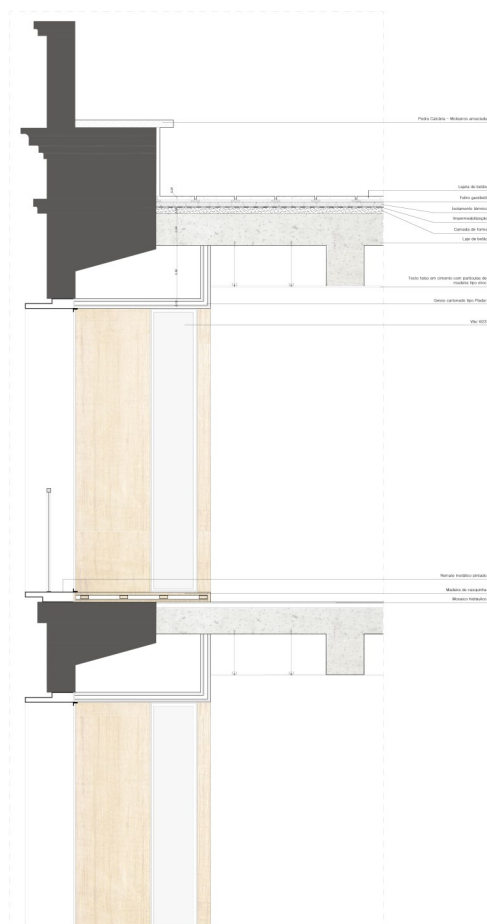
Escadas metálicas | E3



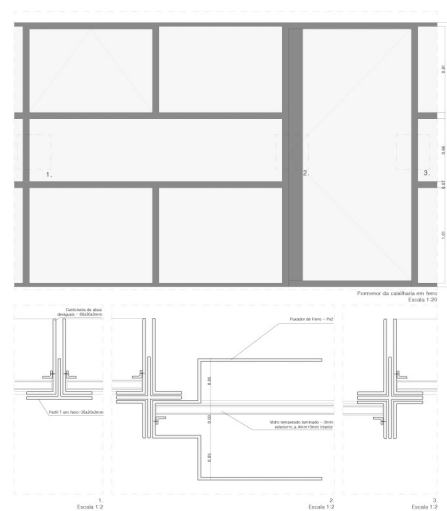
Escadas em betão | E4



Escadas em tijolo | E1



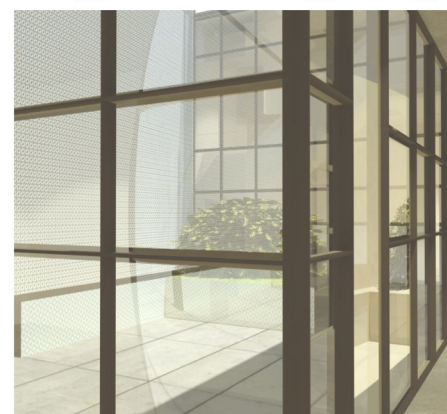
Proteção 1  
Escala 1:20



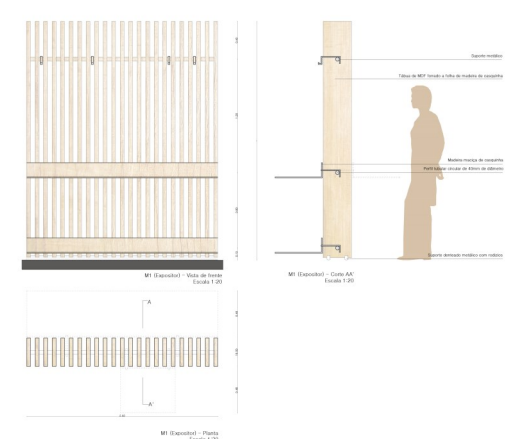
Escala 1:2

Escala 1:2

Escala 1:2



Caixa em ferro | Páto



Escala 1:20

Escala 1:20

Escala 1:20



Expositores | M1

## 6.6 Peças desenhadas do Projecto

- P01 | Planta de Localização
- P02 | Planta de Implantação
- P03 | Planta Piso Térreo
- P04 | Planta Piso 1
- P05 | Planta Piso 2
- P06 | Planta Piso 2 – Intermédio
- P07 | Planta Piso 3
- P08 | Planta Piso 4
- P09 | Planta Cobertura
- P10 | Planta Piso -1
- P11 | Corte AA'
- P12 | Corte BB'
- P13 | Corte CC'
- P14 | Corte DD'
- P 15 | Alçado Sul/Corte EE'
- P 16 | Corte FF'
- P17 | Alçado Poente
- P18 | Conceito Azulejos
- P 19 | Quarto – Tipologia A+1
- P20 | Quarto – Tipologia B
- P21 | | Quarto – Tipologia B
- P22 | Pormenor 1 – Lâminas
- P23 | Quarto – Tipologia C
- P24 | Quarto – Tipologia C+1
- P25 | Quarto – Tipologia C+1
- P26 | Corte AA' - Tipologia C e C+1
- P27 | Corte BB' - Tipologia C e C+1
- P28 | Escadas 1
- P29 | Escadas 3
- P30 | Pormenor 1
- P31 | Mobiliário 1 – Expositor
- P32 | Mapa de Vãos Exteriores
- P33 | Mapa de Vãos Exteriores
- P34 | Mapa de Vãos Interiores
- P35 | Pormenores Vãos Exteriores – CH1
- P36 | Pormenor de Vão Exterior – VE 19
- P37 | Pormenores Vãos Interiores – Vi1 e Vi2
- P38 | Pormenor Vão Interior – Vi6

**Título** | Memória e Contemporaneidade – Reabilitação de um Palacete no  
Intendente utilizando cor, luz e matéria como elementos do projecto

**Discente** | Ana Sofia de Castela Mota, 20101004

**Orientador científico** | Professor Doutor João Pernão

FAUL, Novembro 2015

O Documento não segue o Novo Acordo Ortográfico

Número palavras: 14 253